

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

HEBREUS

UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DO “POVO DE DEUS”.

JEFERSON RODRIGUES ORNELAS

JEFERSON RODRIGUES ORNELAS

HEBREUS

UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DO “POVO DE DEUS”.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profa. Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato.

UBERLÂNDIA, ABRIL DE 2006

Ornelas, Jeferson Rodrigues. 1979.

Hebreus: Uma Perspectiva Histórica do “Povo de Deus”.

Jeferson Rodrigues Ornelas – Uberlândia, 2006.

80 folhas.

Orientadora: Profa. Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

1. Hebreus. 2. Judaísmo. 3. Cristianismo.

JEFERSON RODRIGUES ORNELAS

HEBREUS

UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DO “POVO DE DEUS”.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato

Profa. Dra. Jacy Alves de Seixas

Prof. Dr. Rafael Cordeiro Silva

– DEDICATÓRIA –

Todos os frutos de minha vida dedico-os primeiramente a “Don” Marlene, minha mãe. Se já não fosse o suficiente o fato de ter-me gerado, o fato de ter-me educado, fez de mim o ser que sou hoje. Às vezes afirmando-te, às vezes negando-te, me fiz humano.

Insistes em afirmar que “o maior bem que um “pai” pode deixar para um filho é o estudo, pois este ninguém lhe poderá tirar e utilizando-o com sabedoria tudo poderá conquistar.” Deste-me muito mais que os estudos, foste exemplo de perseverança, disciplina e dedicação, qualidades indispensáveis a qualquer pesquisador. Transmitiu a seus filhos a força e a coragem necessária para enfrentar e vencer a eterna batalha da vida. Enfim, não existem palavras suficientes para agradecer a uma mãe, mas espero que estas sirvam para demonstrar, o amor e gratidão que cultivo pela senhora. OBRIGADO MÃE!!!

Certo do quanto este trabalho representa para mim e para os que me cercam, quero estender esta dedicatória às demais pessoas que fizeram e fazem parte de minha vida e, portanto desta conquista: Clau e Val, meus irmãos, tese e antítese que me geram síntese. Orgulho-me de viver sob a proteção incondicional de duas almas ímpares.

“Não” é uma palavra que escutei poucas vezes de vocês, mesmo nas coisas que diziam discordar, evidenciando, que por detrás de qualquer reprovação, havia na verdade proteção, pois o apoio sempre foi incondicional e me encorajou a ousar e ir mais longe. A vocês e às minhas cunhadas, obrigado por me acolherem nas mais diversas situações e por legitimar e fazer de nossas relações uma verdadeira vida em família. OBRIGADO!!!

Aos meus amados sobrinhos, que tanto me inspiram a continuar sonhando, acreditando e lutando por um mundo mais justo e igualitário, livre de preconceitos. Que vocês possam, ao alcançar a fase adulta, realmente realizar os sonhos de vocês e não mais precisar lutar por um mundo justo, igualitário, livre de preconceitos, onde seus

sobrinhos possam realizar seus sonhos. Obrigado a vocês que continuam sendo o motivo pelo qual o tio Jeferson, sempre será um sonhador.

Izaura, única e legítima dona da única “entidade” humana, realmente onipotente, onipresente, onisciente, eterna e infinita que eu sinto e que não sei definir. Você é tão dona deste trabalho quanto eu e merece todo o mérito e fruto que possa surgir do mesmo. Fica difícil te agradecer sua contribuição é infindável, pois frutifica. Enfim, basta que saiba que entre, cobranças, leituras, revisões e críticas que dispensou a mim e ao trabalho, nada se compara ao bem que fazia, quando exausto, não agüentando mais ler, ou olhar para a tela do computador, você me recolhia em seus braços e dizia: “Venha aqui, descanse um pouquinho...”

“Sô” Ailton, meu pai, prova eterna de resistência e força, coração caipira perdido na cidade, este trabalho também é seu. De ti, descobri ter herdado a ira de um guerreiro, diante de uma injustiça, ainda que apenas para os nossos olhos.

Tio Darcy, “meu pai”, minha raiz cultural e crítica, ninguém melhor que o senhor para representar a importância da família na construção da personalidade e do caráter humano. Sintam-se representados todos que, desde a mais tenra idade, acreditaram em mim. Dos que contribuíram diretamente, financeiramente ou simplesmente acreditaram nos meus sonhos.

Primos, amigos e colegas de viagens inesquecíveis, meus mais ferrenhos críticos. Diversos foram os debates travados nas festas, nos corredores, em mesas de bares, nas “mesinhas” da UFU, em rodas de piqueniques, rodas de jogos recreativos, ou de filmes educativos, ou apenas divertidos, ou simplesmente “rodas”, em noites esplendidas, que inflamaram minha vontade de escrever sobre o tema escolhido.

Eram em rodas de amigos, que os velhos boêmios e verdadeiros intelectuais da humanidade sentiam-se inspirados e instigados a produzir. Estes momentos junto a vocês são fontes inesgotáveis, onde encontro problemáticas que me ajudam a melhor compreender o mundo. Fica difícil acreditar que “o homem é o lobo do homem” conhecendo vocês.

As próximas linhas desta dedicatória só entende quem tem uma sensibilidade além do permitido pela razão e pela onipotência humana e quem me conhece realmente.

Em tempos em que a ciência e a própria humanidade revisa o conceito que temos sobre os animais e as influências que estes exercem na nossa sociedade, não vejo problema em reconhecer os benefícios emocionais, que uma determinada espécie traz para mim e explicitar em forma de agradecimento a importância destes seres. Portanto, a todos os cachorros que eu cuidei e cuido e que me enchem de lambidas e afeto, nos momentos em que nenhum ser humano é bem vindo, ou quando deprimido e desmotivado procuro um motivo para sorrir ou, simplesmente, quando quero estar mais próximo da natureza. Nenhuma das estripulias que aprontam são maiores que a contribuição dada neste trabalho, me trazendo conforto à alma. OBRIGADO!!!

Este trabalho, assim como nós mesmos, somos frutos das relações que compartilhamos e da visão de mundo que criamos a partir dessas relações. Portanto a todos vocês, lembrados nesta dedicatória, MINHA ETERNA GRATIDÃO!!!

– AGRADECIMENTOS –

“O que há de mais admirável no educador é permitir às pessoas que convivem com ele, e a ele se deparam, a manipulação com liberdade das dimensões incontroláveis do conhecimento”. Correndo o risco da não autenticidade, ou sob o olhar dos mais rudes, de plágio, recorri a um trecho do agradecimento já feito, por um historiador e amigo Délcio Garcia Gomes, à nossa orientadora em comum, Christina Lopreato.

Acredito que qualquer outra tentativa de definir o papel de um educador poderia tornar-se redundante e qualquer outra denominação (qualificação) direcionada a esta pessoa poderia não contemplar a grandeza e importância dela e de seu papel social. Assim, registro a imensa admiração e gratidão que rendo a Christina Lopreato, por ter possibilitado, através de sua orientação e aulas, ambas libertárias, o apuramento da difícil prática de pesquisar, registrar, refletir e criar; atividades inerentes à profissão de historiador.

Ao professor Rafael Cordeiro, pela dispendiosa e impagável atenção que me rendeu, ajudando a lapidar esta monografia e a compreender melhor o exercício da pesquisa acadêmica.

Sintam-se também agradecidos os demais educadores e facilitadores, que tornaram o burocrático caminho da aprendizagem acadêmica um pouco mais suave e humano. Todos vocês, que vêm a cada ciclo, ir embora uma leva de estudantes e sonhos e, pelo injusto funil do vestibular, entrar uma nova leva de sonhos e estudantes, todos vocês que nos irritam e nos satisfazem, no processo do aprendizado, são verdadeiros jardineiros do jardim do conhecimento. A todos os educadores que me cultivaram, desde o que me lançou na terra como semente, ao que me poda quando minhas folhas e galhos me impedem de crescer... OBRIGADO!!!

– RESUMO –

Um grupo de homens, uma tribo da antiguidade, se diferenciava das demais por uma característica que os tornava imediatamente inimigos, de todos os outros povos: a crença em um único deus.

Porém, a mesma crença que os tornava diferentes e inimigos das demais tribos é a característica que os fizera prosperar como povo. Os primeiros líderes deste pequeno grupo de nômades estabeleceram as primeiras regras, costumes, leis, normas e por sua vez a identidade deste grupo monoteísta, que surgia enquanto povo.

Neste processo de formação de identidade, um mito é fundamental pois é o pilar deste novo povo: Javé – o Deus Único. Através da relação que estes líderes vão estabelecendo com Javé, outros mitos vão surgindo, sempre justificando as relações dos primeiros líderes hebreus, com Javé. Leis e rituais vão se impondo para garantir a resistência da nova fé, monoteísta, perante os já estabelecidos, mas em constantes guerras, povos politeístas.

Os mitos hebraicos começam com a própria criação do mundo e a partir das alianças que o deus, criador deste mundo, vai estabelecendo com algumas de suas criaturas a começar por Noé. Ele é o primeiro a fazer uma aliança perpétua com Javé, momento em que os hebreus assumem o monoteísmo como característica para tornar-se um povo, ou mais propriamente, o “Povo de Deus”.

Para agradar Javé e fazer cumprir os planos dele, Abraão, depois seus filhos Isaac, e depois Jacó e assim sucessivamente, vão, nas suas andanças como nômades, acumulando capital, ou melhor, riquezas e atraindo mais adeptos para o monoteísmo.

Assim, durante quatro gerações este povo, imigrante vive no meio de vários outros povos politeístas, sempre acreditando e fazendo cumprir a Aliança com Javé, fazendo dos seus mitos um caminho a seguir. Até que Javé os leva, guiados por Moisés, que estabelece o judaísmo e o Estado hebreu, organizando e identificando definitivamente o povo hebreu, judeu, monoteísta para a terra prometida a Abraão.

– SUMÁRIO –

Introdução – Sobre mito, ciência e conhecimento-----	9
Capítulo 1 – Mito e sociedade -----	21
1.1 – Fontes-----	24
1.2 – Bíblia como livro: realidades e possibilidades-----	25
1.3 – Estilo literário-----	29
Capítulo 2 – Povo e religião-----	32
2.1 – História e religião, fé e razão-----	37
2.2 – Acumulação primitiva, alianças e conflitos-----	44
2.3 – Rito, mito e afirmação-----	48
Capítulo 3 – As doze tribos-----	52
3.1 – Cumprimento da palavra – o êxodo e o líder “gago” – Moisés----	55
3.2 – Páscoa, ritual e poder-----	64
3.3 – Ritual, Estado e medo-----	70
Conclusão-----	76
Bibliografia-----	80

– INTRODUÇÃO –

sobre mito, ciência e conhecimento

“A ciência começa, portanto, com os mitos e a crítica dos mitos; não se origina numa coleção de observações ou na invenção de experimentos, mas sim na discussão crítica dos mitos, das técnicas e práticas mágicas.”¹

O propósito maior desta pesquisa é evidenciar através da história dos hebreus narrada na Bíblia, a constante e importante, influência, dos mitos na construção de um povo e de sua identidade.

Precede, portanto introduzir estes estudos problematizando sobre mito, ciência e conhecimento. No momento em que se discute uma possível pós-modernidade, concepções estritamente racionalistas, não contemplam os anseios e questionamentos da sociedade sobre a sua existência humana em um mundo tão desumano.

Tardiamente, mas em tempo o “homem” volta ou começa a pensar em si como organismo sistemático, processual, complexo, extremamente interdependente de todas as suas funções e habilidades e não como máquina, repetindo sempre o mesmo resultado, programado por linguagem única e específica, moldado por um método científico único.

O pensamento humano é fruto das relações entre, razão e paixão, materialismo e idealismo, pensamento e sentimento, consciente e inconsciente, carne e psíquico, todos os atributos interligados, produzindo novas respostas a novos problemas. A inter-relação entre as diversas faculdades, inteligências e habilidades humanas compõe a razão crítica

¹ POPPER, Karl K. *Conjecturas e Refutações*. p.80

que nos permite interpretar as diversas linguagens e situações que a natureza e a vida em sociedade nos impõe.

É sob a égide desta razão crítica supracitada, que o mito deve ser compreendido e não sob o olhar cerceante do racionalismo moderno. O trecho que inicia este capítulo faz parte de uma longa discussão, travada dentro da sociedade européia, por volta de 1930 e diz respeito à Filosofia da Ciência. O que distingue ciência, de metafísica? Sem a pretensão da resposta, quero apenas reafirmar uma das constatações de Karl Popper: a ciência funda-se no mito, na discussão crítica do mito.

O autor traçou um longo caminho para definir o que para ele configurava a ciência. Nesse processo o mito apareceu como elemento fundador, pois estabeleceu o ponto de partida para a pesquisa, a incógnita, a problemática, sobre qual a ciência debruçou-se.

As ciências ocidentais através de seus métodos próprios buscaram encontrar veracidade, ou aplicabilidade do conhecimento proposto pelo mito. Apropriaram-se do conhecimento mítico, propondo desvendá-los. Caso não encontrasse nenhuma relação, ou aplicabilidade racional, o mito era refutado e classificado como fábula, ou metafísica e não identificado como fora do alcance do conhecimento humano adquirido até então.

Certo de que a ciência funda-se nos mitos acredito que a função primária dela é produzir, através de “métodos”, pesquisa, experimentação e observação, respostas e conhecimentos, que dêem conta de explicar a natureza; de responder às dúvidas da humanidade, expressas em linguagens mitológicas, através de hipóteses, pré-científicas, criadas a partir de nossos sentimentos e pensamentos.

Portanto, desqualificar qualquer mito, esvaziá-lo de sentido, é um desserviço que os cientistas racionalistas prestam à ciência e a humanidade. Quanto mais vezes nos remetermos ao mito, para nos compreendermos e compreendermos a natureza, quanto mais hipóteses levantarmos a partir dos mitos, para compreender a sociedade, mais estaremos contribuindo com a ciência e com a solução de nossos problemas cotidianos.

Dessa forma, trilharemos um caminho para um crescimento constante, sustentável, que leva em conta nossos medos e fraquezas, desejos e fortalezas, proporcionando um equilíbrio no resultado, construindo uma mais sociedade estável, justa e humana.

Isto não significa dizer que a sociedade deva estabelecer-se sobre um mito, mas tratá-lo como fonte de conhecimento em geral. É preciso perder o preconceito científico e acadêmico de só estudar e pesquisar mitos que pressupõem um resultado racional, prático e imediato, de interesse apenas das faculdades biológicas, exatas ou tecnológicas.

Os mitos incitam debates em todas as áreas do conhecimento humano: social, religioso, cultural, prático, tecnológico, comercial, econômico, científico, quantitativo e principalmente qualitativo, pois são criados dentro e de acordo com a realidade e necessidade de diversos grupos inseridos nos diversos setores sociais.

Porém, por motivos que desconhecemos ou ignoramos, apenas os mitos que geram frutos e não seria incorreto dizer, lucro, nos setores que dizem respeito às faculdades biológicas, exatas e tecnológicas, parecem ser estudados e dignos de pesquisas e os demais são esvaziados de sentido, desqualificados, remetidos apenas à metafísica.

O desafio aqui proposto é exatamente entender todos os mitos, como conhecimento. Os mitos descartados pela ciência racionalista também têm sua origem nas dúvidas, desejos e medos que influenciam na maneira como nos relacionamos em sociedade e, portanto, também proporcionam crescimento social. Porém, estes se expressam por meio dos sentimentos e psique humana e para alcançá-los não existe instrumento mais inadequado do que os métodos das ciências racionalistas.

Temos que nos permitir pesquisar, extrair e construir, a partir do estudo de nossos mitos, soluções, que contemplem nossas angústias e desejos sociais, nossos medos e dúvidas sobre a existência, convivência e permanência na Terra, nossos códigos, tratados e acordos. Os mitos sempre estiveram presentes, influenciando toda

nossa organização social e ainda não atinamos da necessidade de estudá-los, compreendê-los e reinterpretá-los, de acordo com as necessidades, angústias desejos, dúvidas e medos que a sociedade apresenta agora.

É evidente que tal pesquisa deve conter um rigor que respeite o objeto de investigação, garantindo a integridade do mito, o tempo e o espaço em que foi constituído, quando e quais modificações podem ser identificadas, por que foram feitas tais modificações e infinitas outras minúcias, inerentes ao “ofício do Historiador”.

O historiador deve, segundo seus objetivos e coerentemente com o mito, apontar, mostrar ou mesmo sugerir uma nova interpretação, mas também defender a historicidade do mito. Não tentar desmistificar, desqualificar ou apropriar-se do mito, tornando-se defensor e único, capaz e qualificado para compreender, interpretar e reinterpretar, a seu bel prazer.

No trecho que segue, Leonardo Boff, define o que entende como mito e indica, como normalmente é feito, e como deveria ser feito, este processo de análise, pesquisa e “diálogo” com o mito.

“Mito é a forma como o Inconsciente coletivo representa para si o sentido radical das situações permanentes da vida em relação com Deus, com o pai, com a mãe, com a mulher, com o homem, com o rei, com o sacerdote, com os animais, com o homem, com o mal, com o sexo, etc. O mito possui estruturas, linguagem e lógica próprias. Não é absurdo ou arbitrário, embora o possa parecer para a razão analítica do consciente, que se orienta na verificação dos objetos. [Nele fala o Inconsciente e não o consciente.] Daí que a pesquisa meramente <<científica>>, <<objetiva>> dificilmente entende o mito[porque o aborda com categorias hauridas da vida consciente.][A verdade do mito não reside também na sua realização <<objetiva>>, no mundo da realidade.] A pesquisa <<científica>> e <<crítica>> que procedeu assim desqualificou de imediato o mito como fábula e ilusão. O erro porém não está no mito mas no estudioso que falseou totalmente a perspectiva na ilusão de que o homem é unicamente racionalidade e vida consciente. O consciente e o mundo dos objetos, bem o dizia S. Freud, formam apenas a ponta saliente do icebergue que em sua grande maioria se esconde debaixo da água (Inconsciente). Desmitização não significa o desmascaramento do mito confrontado com a realidade objetiva, o que seria não compreender o mito, mas dar-se conta do mito como a linguagem do Inconsciente, aceitá-lo como uma forma legítima de compreensão lógica e integrá-lo no processo de individualização da personalidade. Buscar o sentido do mito [não é detectar sua origem genética se veio dos persas ou dos gregos, nem decifrar as

tradições que o configuram.] O sentido e a verdade do mito reside na força interpretativa que possui no esclarecimento da existência.”^{2*}

Este trecho foi estrategicamente escolhido, pois possibilita um debate, capaz de esclarecer o que compreendo como mito. Possibilita evidenciar a forma como me relaciono com eles, como os vejo, penso e os analiso, para extrair, através de minha interpretação, fundamentada na pesquisa e observação, a contribuição, ou o conhecimento que acredito ser uma das possibilidades oferecidas pelo suposto mito.

O trecho faz parte de um todo que constitui um livro, por sinal impar na historiografia brasileira, e que deve ser lido na íntegra por quem quer se aprofundar no assunto. Mas permita-me expressar humildemente que não compartilho em grau, numero e gênero da concepção apresentada pelo autor e para explicitar algumas destas “divergências” dentre tantas convergências, voltemos ao trecho supracitado e façamos ciências, interpretando, debatendo, analisando, criticando, enfim, plantando mais uma semente no jardim do conhecimento.

Compartilho da idéia central de mito, como a forma que o inconsciente coletivo encontrou, para representar, expressar, explicar situações que encontramos na natureza, no nosso cotidiano, nas relações que estabelecemos com o mundo externo. E que a razão, o consciente, por insuficiência de informações, de conhecimento, por não dominar a natureza como crê e pretende, por não possuir uma linguagem capaz de expressar respostas que satisfaçam nossas dúvidas e expectativas, não dá conta de explicar.

Porém, discordo de afirmações, que remetem o mito a apenas uma esfera do conhecimento humano. Sequer concebo tal possibilidade. Não me canso de repetir: “O pensamento humano é fruto das relações entre razão e paixão, materialismo e idealismo, pensamento e sentimento, consciente e inconsciente, carne e psíquico, todos os atributos interligados, produzindo novas respostas a novos problemas. A inter-relação entre as diversas faculdades, inteligências e habilidades humanas, compõe a razão crítica que

² BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador-Ensaio de Cristologia. Crítica para o nosso Tempo*. p.35-36

* Colchetes e destaques em negrito meus. Os colchetes representam discordâncias e o negrito concordância. As orações e palavras entre os colchetes serão retomadas para análise e confrontação.

nos permite interpretar as diversas linguagens e situações que a natureza e a vida em sociedade nos impõem”³.

Para iniciar o caminho em busca do conhecimento, o inconsciente formula, a partir das referências, do acúmulo de conhecimentos que o consciente já possui, da necessidade e expectativa que temos perante uma situação concreta ou abstrata, uma hipótese, uma possibilidade de compreensão, que não necessariamente encontra uma representação concreta, no mundo material: **o mito**.

O mito vai sofrer conjecturas e refutações, críticas e contribuições, que resultará no surgimento de novas representações, novas formas de compreender aquela primeira situação. Novos mitos podem surgir, sem eliminar o primeiro, assim como uma dessas representações pode alcançar uma linguagem, totalmente compreensível, na esfera da razão e indicar uma solução que contemple até mesmo o mundo material.

Pesquisar o mito é permitir-se iluminar pela luz de todas as esferas do conhecimento humano.

O mito está, sim, imerso no inconsciente na esfera da paixão, mas é fundado no consciente, na esfera da razão. O estudioso deve estar atento, para não *falsear* mais uma vez *a perspectiva* e novamente *desqualificar o mito como fábula*, na tentativa de entendê-lo apenas sob a ótica do inconsciente.

Ora, no mito *falam o inconsciente* e o consciente, pois é constituído de símbolos, dúvidas e situações encontrados na nossa realidade concreta e explicados pela nossa subjetividade, inteligência emocional e abstrata. Para compreendê-lo, *a pesquisa* precisa abordá-lo *com categorias hauridas* das duas esferas.

O significado do mito pode além de *residir* na interpretação e inconsciente, ser encontrado também na realidade concreta do grupo que o adotou, dependendo da forma como se relacionam e a intensidade com a qual este mito insere-se na realidade.

³ Reprodução do 5º parágrafo deste capítulo para facilitar a leitura e a compreensão.

Buscar o sentido do mito é considerar toda informação que contribui para o surgimento e manutenção do mito, incluindo a *origem e tradição* na qual ele se fundou, pois suas categorias estão de acordo e dizem respeito à realidade e tradição do grupo que o fundou e no qual está inserido. Ignorar estas informações é ignorar a historicidade do mito, resultando numa pesquisa incoerente e anacrônica e puramente interpretativa. Seu resultado será nada menos que a pura e simples interpretação do pesquisador de uma estória sem início e sem fim, pois não se relaciona com nada, não tem historicidade e, portanto, não configura como mito e sim como fábula.

Pensar o *iceberg* em duas partes e estudá-las separadamente é possível, mas negar a existência de uma, em benefício da outra, e ainda desqualificar a pesquisa e o resultado extraído da outra parte, como já disse: é um desserviço ao conhecimento. O pesquisador pode estudar separadamente a parte imersa da emersa, mas consciente de que o *iceberg* é um todo, soma das partes imersas e emersas e que o resultado de ambas as pesquisas contribuem para o conhecimento humano e podem ou não encontrar resultados práticos na sociedade.

Assim como não podemos aceitar que ignorem a importância de se estudar o mito cientificamente, abordando-o com categorias extraídas da esfera da paixão, também não podemos negar a importância e necessidade de se estudar o mito utilizando também de conhecimentos da esfera da razão.

Pois o mito é como o *iceberg*, é como nós, nos encontramos na natureza... Só em partes revelados, mas em grande parte ocultos, por uma camada fina, que nos permite até uma visualização do oculto, mas de forma distorcida e limitada a uma determinada profundidade.

Esta camada fina, que separa as duas partes do *iceberg*, esta película que é a superfície do mar, límpida enquanto recebe luz vinda do lado de cima da película e gradualmente turva, até alcançar a escuridão, é a característica que me leva a afirmar, que o mito deve também ser compreendido pela razão, pois é a razão a luz que me permite ver um pouco abaixo da superfície do mar. É influenciado pelo mundo externo,

que um pedaço da parte imersa do *iceberg* pode ser visto. É influenciado pela razão que parte do mito já está claro à percepção humana.

O grande equívoco dos racionalistas, sempre tão seguros e ferrenhos críticos dos “metafísicos”, é que, por medo de encarar a escuridão, abaixo da linha da superfície. Onde a luz da razão não alcança. Eles anunciam que não há vida, que não há conhecimento.

O metafísico por sua vez, apenas tenta imaginar o que há naquele mundo a partir do que ele conhece no dele e muitas vezes até se aproxima de uma verdade.

O problema é que assim como o racionalista, por desconhecer e temer o desconhecido, o metafísico observa de longe. Apenas sob a luz do que já conhece. Ao enxergar o novo, anuncia ter revelado um outro mundo. Equivoca-se, pois abaixo do iceberg tem mais iceberg, mais vida, mais oceano, muito além do que possamos ver, apenas com a luz da razão, mas não é outro mundo é apenas o que não conhecemos do nosso.

O Historiador não pode ter medo do escuro e muito menos legitimar um mundo imaginário, ele precisa empunhar uma lanterna e mergulhar no oceano, aprofundar e conhecer este mundo de perto.

A luz da lanterna, apesar de artificial é a ferramenta mais adequada para este trabalho, pois revela o que estava oculto, mas não permanentemente. Respeita a vida que habita a escuridão, apenas permite conhecê-la a ponto de nos conhecer.

Assim eu compreendo o mito e assim procuro estudar a Bíblia.

Espero que isto não tenha soado como testemunho de fé, mas como ciência, ou caso contrário, ainda não me fiz compreender e, para alcançar êxito no processo de comunicação, finalizo: empunho minha lanterna, e sob a luz da História, vou interpretando tudo o que os meus olhos enxergam, relacionando o novo mundo, com o que eu já conhecia e transformando minhas descobertas em conhecimento.

Enfim a História enquanto ciência enquanto luz artificial, que me permite enxergar além do que já está iluminado pela luz da razão, é a ferramenta que utilizo para compreender os mitos hebraicos.

Mais uma vez primei pela autenticidade e tracei esta introdução, mediante minhas próprias reflexões, anteriores a este trabalho. Mas para não enfrentar esta batalha tão árdua, sozinho, quero encerrar este capítulo “dialogando” com um intelectual acadêmico, de idéias anarquistas por assim dizer, a respeito do método científico e dos racionalistas: Paul Feyerabend.

*“A idéia de que a ciência pode e deve ser elaborada com obediência a regras fixas e universais é, a um tempo, quimérica e perniciosa. É quimérica pois implica visão demasiado simplista das capacidades do homem e das circunstâncias que lhes estimulam ou provocam o desenvolvimento. E é perniciosa porque a tentativa de emprestar vigência às regras conduz a acentuar nossas qualificações profissionais em detrimento de nossa humanidade. Além disso, a idéia é prejudicial à ciência, pois leva a ignorar as complexas condições físicas e históricas que exercem influência sobre a evolução da científica. Torna a ciência menos plástica e mais dogmática” (...)⁴**

Precisamente a idéia que faço sobre como a ciência, restringida por um único método, suprimida apenas à luz da racionalidade é insuficiente para compreensão de nossa história, está contemplada na citação acima e em toda a argumentação de Feyerabend.

*Há outra razão para que o reexame se torne **urgentemente necessário**. O surgimento da ciência moderna coincide com a supressão das tribos não-ocidentais pelos invasores ocidentais. **As tribos não são apenas fisicamente suprimidas, mas perdem a independência intelectual** e se vêem forçadas a adotar a sangüinária religião do amor fraternal – o Cristianismo. Os membros mais inteligentes conseguem uma vantagem adicional: **são iniciados nos mistérios do Racionalismo Ocidental** e no que é sua culminância – a ciência ocidental. Por vezes, isso conduz a um quase intolerável conflito com a tradição (Haiti). Na maioria dos casos, a tradição desaparece sem deixar o traço de um argumento e **as pessoas simplesmente se tornam escravas, de corpo e espírito**. Hoje, esse desenvolvimento sofre gradual inversão – há grande relutância, indubitavelmente, mas a inversão se processa. **Volta-se a ganhar liberdade**, as velhas tradições são redescobertas, quer **pelas minorias dos países ocidentais**, quer pelas grandes populações de países não-ocidentais. **Contudo, a ciência continua a reinar soberana. Reina soberana porque seus***

⁴ FEYERABEND, Paul. *Contra o Método*. p.449.

* Destaques em negrito meus.

*praticantes são incapazes de compreender e não se dispõem a tolerar ideologias diferentes, porque têm força para impor seus desejos e porque usam essa força como seus ancestrais usaram a força de que eles dispunham para impor o cristianismo aos povos que iam encontrando em suas conquistas. Assim, embora um norte-americano possa, agora, abraçar a religião de seu gosto, não lhe é permitido pedir que, na escola, seus filhos aprendam mágica e não a ciência. Existe separação entre Estado e Igreja, não existe separação entre Estado e ciência.*⁵*

Qualquer um que foi devidamente apresentado à história das invasões das Américas, ou melhor ao período apresentado na maioria dos livros didáticos como: “As Grandes Navegações”, ou ainda como “Descoberta do Novo Mundo”, é ciente que a cultura ameríndia não obteve clemência ou sequer compreensão por parte dos invasores ibéricos.

As religiões pagãs, os cultos, rituais, festas, todo o conhecimento ameríndio, foi subjugado e substituído pela religião e cultura européia, ocidental moderna. O índio foi cristianizado, alfabetizado contra a sua escolha, em defesa de sua sobrevivência. De tal forma até mesmo a ciência indígena, por assim dizer, o conhecimento tribal foi suprimido ou adaptado ao racionalismo e ciência moderna.

A ciência de tal forma matava em nome do racionalismo, o conhecimento mítico, que até então era a base de todas as sociedades ameríndias, base das civilizações astecas, incas e maias. A maneira como nossos antepassados produziam e transmitiam conhecimento, a maneira como faziam ciências, foi violentamente apropriada pela ciência ocidental e esvaziada de credibilidade, entre as gerações posteriores, pela propaganda e financiamento do Estado.

De tal forma resgatar os estudos dos mitos, não é refazer ciências, mas entrar em contato com outras formas de se produzir conhecimento.

“Contudo, a ciência não tem autoridade maior que a de qualquer outra forma de vida. Seus objetivos não são, por certo, mais importantes que os propósitos orientadores de uma comunidade religiosa ou de uma tribo que se mantém unida graças a um mito. De qualquer modo, não há por que esses objetivos possam restringir as vidas, os pensamentos, a educação dos integrantes de uma sociedade livre, onde cada qual deve ter a possibilidade de

⁵ Idem. p.453.

decidir por si próprio e de viver de acordo com as crenças sociais que tenha por mais aceitáveis. A separação entre Estado e Igreja deve, portanto, ser complementada pela separação entre Estado e ciência.” (...) ⁶*

“A astronomia moderna surgiu com a tentativa, feita por Copérnico, de adaptar as velhas idéias de Filolau às necessidades das predições astronômicas. Filolau não era um cientista preocupado com a precisão; era, (...) um pitagórico desorientado e as conseqüências de suas doutrinas foram consideradas ‘incrivelmente ridículas’ por um astrônomo profissional como Ptolomeu.” (...) ⁷*

“Enquanto a astronomia se beneficiou do pitagorismo e do amor de Platão pelos círculos, a medicina se beneficiou do uso de ervas, da psicologia, da metafísica, da fisiologia de feiticeiros, parteiras, curandeiros, boticários errantes. (...) Inovadores como Paracelso, voltaram a idéias primitivas e aprimoraram a medicina. Em todos os pontos, a ciência se vê enriquecida por métodos não-científicos e resultados não-científicos, enquanto processos freqüentemente vistos como partes essenciais da ciência foram abandonados ou contornados.”

“O processo não se restringe à história inicial da ciência moderna. Está longe de ser simples conseqüência do primitivo estágio das ciências, nos séculos XVI e XVII. Ainda hoje, a ciência pode tirar e tira vantagem da consideração de elementos não-científicos. Exemplo examinado (...) é a revivescência da medicina tradicional na China comunista. (...) A acupuntura, a moxa, o diagnóstico pelo pulso, conduziram a novas percepções, novos métodos de tratamento e colocaram novos problemas, tanto para o médico ocidental quanto para o chinês.” (...) ⁸*

“Combinando essa observação com a percepção de que a ciência não dispõe de método especial, chegamos à conclusão de que a separação entre ciência e não-ciência não é apenas artificial, mas perniciosa para o avanço do saber. Se desejamos compreender a natureza, se desejamos dominar a circunstância física, devemos recorrer a todas as idéias, todos os métodos e não apenas a reduzido número deles. Assim, a asserção de que não há conhecimento fora da ciência – extra scientiam nulla salus – nada mais é que outro e convenientíssimo conto de fadas. As tribos faziam classificações de animais e plantas mais minuciosas que as da zoologia e da botânica de nosso tempo; conheciam remédios cuja eficácia espanta os médicos (e a indústria farmacêutica já aqui fareja uma nova fonte de lucros); dispunham de meios de influir sobre os membros do grupo que a ciência por longo tempo considerou inexistentes (vodu); resolviam difíceis problemas por meios ainda não perfeitamente entendidos (construção de pirâmides, viagem dos polinésios).” (...) ⁹*

⁶ Idem. p.454.

⁷ Idem. p.460.

⁸ Idem. p.461.

⁹ Idem. p.462.

Enfim, não faço distinção entre ciência e mito. São a meu entender variações da mente humana para adquirir ou ampliar seus conhecimentos. Tanto a ciências, quanto o mito, são linguagens humanas que se utilizam da paixão e da razão para explicar o mundo.

As duas concepções de conhecimento são incomensuráveis. Não é real a importância maior, que se dá a uma determinada forma de conhecimento em detrimento de outra. Não é a ciência superior ao mito e sim apenas mais um método de estudá-lo. Não é o mito superior à ciência e sim apenas mais uma forma de expressá-la.

É crente desta concepção de mito, como fonte de conhecimento, que a análise histórico-crítica sobre os hebreus foi traçada nos capítulos que seguem.

– CAPÍTULO 1 –

mito e sociedade

Hebreus, o “**povo escolhido**”. Se a afirmativa provoca sensação de já saber quem escolheu este povo, para que foi escolhido, ou mesmo se se sente um dos escolhidos, não estranhe. Você, eu e a “grande maioria da sociedade ocidental”¹⁰ temos referenciais suficientes para pressupor tais evidências, afinal este é o povo fundador do mito que ainda hoje tem o maior numero de crentes: O Cristo.

Sem mesmo perceber, nos relacionamos com mitos hebraicos em todos os instantes, em todos os setores sociais. Nossas famílias, costumes, conduta moral e legal não coincidentemente parecem amparadas em torno de mitos hebraicos. A não ser que você faça parte e comungue de uma cultura diferente da ocidental e que ainda não sofreu a invasão da mesma, para não se deixar influenciar pelos mitos hebraicos.

Fundamental é compreendermos, que quando falamos sobre os hebreus, estamos falando de um dos povos que fundaram a grande maioria dos mitos, sobre os quais toda a sociedade ocidental está fundamentada.

É evidente, que também somos influenciados pela cultura, religião e política greco-romana, assim como fomos e somos influenciados por diversos outros mitos, fundados em outras tantas culturas, como os mitos e a cultura ameríndia, bárbara, européia, africana, enfim, somos frutos do sincretismo e antropofagismo cultural.

A intensidade com a qual cada mito “se introjeta” no imaginário coletivo, ou inconsciente popular, podendo “intervir” e mesmo modificar, a forma como nos

¹⁰ Refiro-me à grande maioria da sociedade ocidental para discriminar os povos e indivíduos que indiferente à religião ou posição geográfica, sofrem influências de uma CULTURA ocidental, dos demais que compartilham uma cultura diferenciada, seja oriental, tribal ou qualquer outra sociedade que ainda não foi invadida ou exterminada pela primeira.

relacionamos e vivemos em sociedade, varia de acordo com a relação que estabelecemos com o próprio mito, com a importância e relevância que atribuíamos ao mesmo.

De tal forma podemos compreender porque determinados mitos, são “presentes” em determinados grupos e “ausentes” em outros. Maomé, não é um mito que ocupa um alto posto hierárquico no imaginário povo cristão ocidental, assim como Jesus não tem importância maior que Maomé para os islâmicos.

Não podemos negar que fomos influenciados um dia por mitos indígenas, mas a intensidade que estes se apresentam hoje, numa civilização altamente industrializada, é infelizmente tão irrisória, que estes mitos correm mesmo o risco de sumirem, juntos com as últimas tribos indígenas, que habitam as últimas áreas de floresta e tentam resistir à invasão cultural, imposta pelo crescimento insustentável.

Os mitos gregos e romanos, presentes em nossa organização política, nos conceitos sociais, morais e legais, nas hierarquias sociais estabelecidas e mantidas pela classe detentora do *status quo*, pouco nos são apresentados.

Apenas temos contato com um panteão de deuses gregos e romanos, enquanto cursamos o ensino fundamental. Depois na fase adulta, tentamos relembrar, para nomear algumas de nossas instituições, empresas, ou mesmo animais e pessoas, que gostaríamos que carregassem características daqueles deuses e semideuses. Pouco se comenta, se festeja, se guarda, ou reverencia mitos gregos ou romanos na atualidade.

Enfim a idéia não é desqualificar nenhum mito, mas mostrar que a intensidade da relação estabelecida com estes mitos é diferente, pois a forma como nos relacionamos com eles é diferente.

Por esta razão elegi os mitos hebraicos como objeto de meus estudos, acadêmicos, por acreditar que a intensidade com a qual eles se apresentam no imaginário coletivo, da sociedade contemporânea, é maior, do que intensidade com que os outros mitos nos alcançam.

É um “indício” de que ele nos influencia, a ponto de nos permitir intervir e alterar a maneira como nos relacionamos. Podendo indicar um caminho para uma sociedade mais igualitária e justa, dependendo única e exclusivamente da forma como vamos interpretar e principalmente vivenciar, o conhecimento e caminhos propostos, pelo mito.

Diferente dos mitos gregos, os mitos hebraicos, apesar de também tratarem, de códigos e condutas sociais, políticas, morais, legais e religiosas, eles foram disseminados entre as classes abastadas. Não se restringiu a estudiosos, mitólogos e à classe detentora do poder econômico e político. Se espalharam pela plebe e se encontram completamente introjetados no imaginário coletivo 2.700 anos depois.

Os mitos fundados pelos hebreus continuam sendo utilizados por muitos, para explicar nossa origem, mesmo entre parte da “comunidade científica”¹¹.

Guerras ainda são travadas, onde mitos fundados no berço da sociedade hebraica são usados como justificativa “lógica e racional”, para matar e dizimar civilizações, sociedades, comunidades, tribos, grupos, religiões, crenças, culturas, línguas.

Enfim, a sociedade que se diz evoluída civilizada e racionalista fundamenta-se em mitos. Porém, sofre do que chamo de “síndrome de Tomé”¹²: um racionalismo “patológico”, potencializado por doses de antropocentrismo e egocentrismo, que não nos permite assumir a crença em mitos e que nos organizamos de acordo com a interpretação que fazemos deles.

Estudar os hebreus é aprofundar em aspectos que remetem ao berço da civilização ocidental. É, portanto, regressar ao nascimento das primeiras sociedades

¹¹ Ver criacionismo, tendência científica que defende a criação do mundo por Deus. Em substituição à idéia, ainda mais aceita no meio científico, a teoria do Big Bang.

¹² Seria uma espécie de racionalismo radical, ceticismo exacerbado, que impede alguns indivíduos de entender que o ser humano não é constituído apenas de razão e que a vida e o mundo estão repletos de influências e frutos das nossas paixões. Um moribundo tomado por síndrome de Tomé, com certeza padece, ao ler tamanha verdade, que deixa seu mundo concreto imerso em subjetividade, por remeter à paixão parte da responsabilidade de explicar o mundo físico. Não sei se tal patologia existe segundo, alguma ciência médica, mas ela parece bem real e disseminada no mundo inteiro, oriunda dos grandes centros acadêmicos, há séculos.

organizadas, sedentárias, estabelecidas em locais fixos, com sistemas de divisão de trabalho e hierarquia estabelecida. Estudar os povos da antiguidade é buscar compreender a nós mesmos.

fontes

A fonte mais adequada para a pesquisa a qual me propus é a Bíblia¹³, mas propriamente o “Antigo Testamento”. Foi escrito, ou melhor elaborado, pensado pelo próprio povo. Ainda é o livro que fundamenta a vida e religião dos seus descendentes históricos: os judeus e os cristãos. Portanto, tem um valor histórico inenarrável, se prestado o devido respeito e analisada sob a luz de uma ótica coerente e cientificamente responsável.

Enfim, não é que não existam fontes sobre o assunto, mas a que me foi acessível basta para um estudo inicial. É a mais acessível à sociedade, a que traz maior quantidade de informação sobre os mitos hebraicos, e principalmente, a que mais se aproxima, expressa ou anuncia as propostas dos mitos. Portanto, ela é merecedora de toda a atenção do pesquisador historiador, que não deve descartar previamente uma fonte, a rigor do seu preconceito acadêmico.

As fontes nas quais se fundamenta este capítulo e todo este trabalho precisam ser encaradas sob uma ótica específica, porém com a mesma seriedade que se trataria qualquer outra. Algumas não têm origem acadêmica, outras não têm o rigor e profissionalismo devido, mas nem por isso são menos verdadeiras.

O que legitima as fontes como material de pesquisa acadêmico-científica é a abordagem que o historiador faz, a forma como ele transmite o conhecimento adquirido e principalmente a forma como se relaciona e encara a fonte: se ele traz na bagagem pré-conceitos imutáveis a respeito da mesma, ou se dispõe a observá-la, como quem a

¹³ *Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. 6ª impressão. São Paulo: Paulus, 1996.

observa pela primeira vez. Sob uma nova ótica, que não necessariamente contradiz uma anterior e absolutamente não a nega, mas possivelmente a revê e complementa – essa é a perspectiva assumida aqui.

Se compreendermos a Bíblia como fonte, então é necessário entendê-la como um livro que conta a história de um povo. E como o intuito de toda história ou estória é transmitir conhecimento, com a Bíblia não é diferente. A principal função dela é transmitir a história de um povo. Como ele se relaciona com a religião, com Deus, com o amor, com o sexo, com os alimentos, com a política enfim, como os hebreus se relacionavam e entendiam o mundo segundo a “Aliança” que teriam feito com um deus.

~~bíblia como livro — realidades e possibilidades~~

A Bíblia, na sua apresentação e introdução, à edição popular, – escolhida para esta pesquisa, especificamente por ser uma das mais comuns – alerta para a forma e o objetivo, para o qual ela foi escrita e até mesmo para as diversas e possíveis maneiras de se lê-la.

Na apresentação da Bíblia encontramos respaldo e motivação para a lermos, à luz de nossa realidade e não apenas como um livro de fé para louvar a Deus. Os próprios editores disponibilizam, em baixo dos textos principais, notas que acompanham os textos, apontando reflexões possíveis para compreender o livro, relacionando-o com a nossa realidade.

Portanto, para que possamos ter uma compreensão crítica, sem destruir ou desqualificar a fonte e os mitos, faz-se necessário expô-los a uma “pequena grande” quantidade de citações seqüenciadas, que elucidarão e fundamentarão todo este trabalho, para logo após entrar propriamente na História deste povo.

É de suma importância uma leitura minuciosa dos trechos a seguir para compreender, onde está fundamentada toda a legitimidade deste trabalho e não cometer o erro de julgá-lo pura interpretação, mas confrontações de problemáticas que levanto, sobre a sociedade atual e a relação destas com os mitos fundadores da mesma.

O desejo dos editores, expresso na “Apresentação” da Bíblia, parece não diferir do que pretende este trabalho:

*“Nós fomos a essa fonte e procuramos ler os Livros Sagrados **à luz da realidade desafiadora do nosso país e do nosso continente**. Nossa intenção foi a de tornar o texto mais acessível, abrindo canais para que a água dessa fonte fecunde o chão dos nossos problemas e das nossas buscas. O fruto desse trabalho é esta Bíblia Sagrada – Edição Pastoral, que oferecemos a todos como contribuição para a nossa caminhada em comum.” (...)*^{14*}

*“Nosso desejo é que esta Bíblia Sagrada – Edição Pastoral venha se inserir dentro das buscas e caminhos para uma **renovação da vida cristã no contexto da nossa realidade**. Gostaríamos que seu uso fosse comunitário: o texto realmente foi preparado para ser início de diálogo entre a Palavra de Deus e a palavra dos homens, a fim de criar um mundo novo.” (...)*^{15*}

Sobre, “A Leitura da Bíblia”, concordamos haver diversas maneiras de fazê-la, mas a que mais urge é a histórico-crítica, pois pode proporcionar a construção do novo mundo, trazendo à tona uma interpretação que responda às necessidades da sociedade contemporânea:

*“Qualquer acontecimento humano pode ser visto de vários ângulos, dando origem a várias interpretações. Do mesmo modo, os acontecimentos da história do Povo de Deus, narrados na **Bíblia**, podem ser lidos de **varias perspectivas**. Pode-se fixar a atenção sobre o próprio texto: é a leitura textual; sobre o gênero usado pelos autores sagrados: é a análise dos gêneros literários; **sobre a elaboração do texto no seu contexto ambiental e social: é a leitura histórico-crítica**. Trata-se, enfim, de descobrir a verdadeira mensagem de Deus, comunicada em linguagem humana, procurando discernir a Boa Notícia da Salvação na trama da história dos homens.” (...)*

*“Ao nos aproximarmos, hoje, do texto sagrado, encontramos modelos de interpelação entre a Palavra de Deus e as variadas situações dos homens nas diferentes épocas históricas. **De acordo com a situação que nos envolve e***

¹⁴ Bíblia Sagrada. “Apresentação” Edição Pastoral.

¹⁵ Idem.

* Destaques em negrito meus.

atormenta, podemos fazer leituras pessoais ou comunitárias, em busca de respostas para nossos próprios problemas ou para os problemas do mundo em que vivemos. Cada uma dessas leituras tem uma espiritualidade e mística próprias que repercutem em todos os campos da vida. Especialmente urgente é uma leitura que responda aos grandes problemas do povo dentro de um determinado tempo e sistema de sociedade em que vive. Tal leitura deve, necessariamente, partir da situação concreta do povo, avaliando suas necessidades e buscas, que se refletem nos mais diversos campos da sua experiência como, por exemplo, os campos econômico, político, social e religioso. Trata-se de fazer uma leitura que vai tanto do texto para a vida, quanto da vida para o texto. Se quisermos, trata-se de equacionar a nossa situação hoje com as situações vividas pelo povo de Deus há muito tempo atrás. E a busca é uma só: ver como Deus respondia às situações do seu povo, para descobrir também como Deus responde às buscas do povo de hoje.”(...)

“Por isso, procuramos ler os Livros Sagrados à luz da realidade desafiadora de nosso país e continente, de acordo com a interpretação dessa mesma realidade: a que é prevalente entre os que têm mais forte compromisso com a transformação social em vista do projeto de uma nova sociedade.”(...)

¹⁶*

*Em nosso trabalho, os comentários, muitas vezes, não são descrições, nem explicações técnicas do texto, mas confrontações com a realidade de nosso tempo e de nossa situação social, para mostrar como a mensagem bíblica pode ser aplicada às novas circunstâncias, iluminadas com a palavra de Deus. Partimos de uma análise profunda do texto, que muitas vezes fica escondida como o trabalho na cozinha, e procuramos mostra qual seria a mensagem para o povo de hoje, tentando responder às suas necessidades e buscas. ”¹⁷**

Ainda no trecho “A Leitura da Bíblia” os editores reproduzem o venerado e social, papa João Paulo II, que também clamava por uma explicação científica, mais próxima da humanidade:

*“O Povo de Deus tem necessidade de exegeses que, por um lado, executem com muita seriedade o próprio trabalho científico e que por outro lado, não parem no meio do caminho, mas, ao contrário, continuem seus esforços até conferir pleno valor aos tesouros de luz e de vida contidos nas Sagradas Escrituras, a fim de que Pastores e fiéis possam aproximar-se mais facilmente delas e tirar proveito de modo mais pleno.”¹⁸**

¹⁶ *Bíblia Sagrada*. “A Leitura da Bíblia” Edição Pastoral.

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ *Idem*.

* Destaques em negrito meus.

Na “Introdução do Antigo Testamento”, encontramos a Bíblia como livro e sua função. Mais do que isto, a idéia de sagrado e, portanto, intocável e imutável é derrubada no livro seguinte, denominado “Pentateuco”.

*“O Antigo Testamento é uma coleção de 46 livros onde encontramos a história de Israel, o povo que Deus escolheu para com ele fazer uma aliança. Portanto, o Antigo Testamento é a história de um povo: mostra como surgiu, como viveu escravo no Egito, como possuiu uma terra, como foi governado, quais as relações que teve com outras nações, como estabeleceu suas leis e viveu a sua religião. Apresenta seus costumes, sua cultura, seus conflitos, derrotas e esperanças.”¹⁹**

“Nesses cinco livros encontramos histórias e leis que foram postas por escrito durante seis séculos, reformulando, adaptando e atualizando tradições antigas e criando novas.”(...)

“As histórias aí contidas, na sua maioria, nasceram no meio do povo e, primeiramente, eram histórias de famílias, de clãs, e de tribos que procuravam transmitir oralmente, de geração em geração, ensinamentos e fatos. Mais tarde essas histórias foram reunidas, modificadas, e interpretadas, para que todo o povo de Israel pudesse se espelhar nelas e para que elas expressassem a fé em Javé, o Deus que liberta.”(...)

*“Essas leis, portanto, não são perenes e intocáveis, mas expressam um momento determinado da vida, com os conflitos que existiam dentro do povo de Deus; mais do que serem aplicadas diretamente à nossa realidade, elas servem de exemplo e modelo para que aprendamos a discernir as situações e criar uma legislação que responda às necessidades do povo, conforme o projeto de Deus. Não podemos esquecer, porém, que a lei deve servir ao povo e não ser instrumento de opressão contra o povo”²⁰**

¹⁹ Bíblia Sagrada. “Antigo Testamento” Edição Pastoral.

²⁰ Bíblia Sagrada. “Pentateuco” Edição Pastoral.

* Destaques em negrito meus.

~~estilo literário~~

Como todo livro, a Bíblia também foi escrita de acordo, ou influenciada por um determinado método literário. Identificar elementos de um determinado método literário, ou estilo literário, como normalmente se diz, facilita a compreensão da mensagem que o texto quer transmitir.

No caso da Bíblia o estilo literário permite entender, que seu conteúdo não está comprometido com a verdade, mas com a transmissão de uma conduta, um valor moral. Seus textos e histórias, não são relatos de fatos históricos, ou biográficos. Os textos bíblicos são fartos de misticismo. Soam como uma resposta a uma pergunta, que os hebreus possivelmente faziam e não encontravam respostas, no mundo racional.

Convenhamos que um estilo literário possa numa determinada época ser mais utilizado do que outros, por razões diversas. Um texto, ou obra, só alcança seu objetivo se atingir o seu público alvo, agradando-o pela leitura, prendendo-o ao texto através do estilo literário escolhido pelo autor, segundo suas análises e intenções.

Para nos aproximarmos de uma compreensão do estilo literário da Bíblia e importante lembrarmos o estilo literário dos gregos e romanos, onde seres alados, semideuses, andavam pela terra junto a imperadores que realmente existiram. Homens eram gerados do amor entre um ser mortal e um imortal, e tornavam-se semideuses. Mitos envolvendo deuses e humanos transmitiam lições de moral, como a de Ícaro, ou Édipo, ou Minotauro.

Enfim, na antiguidade, a história também se mistura à literatura, à ficção, à arte. Não se pode esquecer também do teatro, das tragédias gregas e os deuses do Olimpo, que amavam festas, cultivavam o corpo, através da prática de esportes, eram dotados de características e habilidades humanas, que com certeza passavam a ter uma conotação de virtude, na sociedade.

Como não podia ser diferente existe grande semelhança no estilo literário grego e hebreu.

*“Para descrever os antecedentes do nascimento de Alexandre, por exemplo, Plutarco²¹ afirma que Filipe, o pai do referido herói, **descendia, pelo lado paterno, de Hércules, e do lado materno, de Aquiles – e não de simples mortais. A mãe de Alexandre, Olímpia, teria tido uma premonição do nascimento do filho: sonhara que ouvira um forte estrondo de um trovão e fora atingida por um raio nas entranhas. Como relata Plutarco, o pai de Alexandre também** tivera um sonho premonitório do filho que iria nascer. Mas, **erroneamente, entendera o sonho como sinal de uma possível traição da esposa – até que um adivinho o tranquilizou, confirmando que se tratava do nascimento de um filho que teria a coragem de um leão. É curioso que, assim como a narrativa do nascimento de Jesus, o relato do nascimento de Alexandre por Plutarco esteja cheio de ingredientes espetaculares: descendência de deuses, sonhos premonitórios (com a desconfiança do esposo, como no caso de José, no evangelho, em relação ao sonho de Maria) e a confirmação, pelos sábios, de que a criança nasceria com dotes sobrenaturais. Não se trata, obviamente, de mera coincidência. Esse era o estilo de um texto biográfico na época (...)**”²² **

No texto do jornalista Rodrigo Cavalcanti²³ em co-autoria, com o historiador Leonardo Chevitarese²⁴, ficam evidentes as semelhanças entre os estilos literários utilizados por estes dois povos da antiguidade, hebreus e gregos. Dois povos contemporâneos e voltados para o mesmo objetivo, afirmar a própria cultura diante das outras, transmitir valores, transmitir o conhecimento e cultura às gerações posteriores.

Outro erro comum, aos que costumam defender a sacralidade intocável da Bíblia, é afirmar que a mesma obedece a um estilo literário altamente fictício, cheio de ingredientes espetaculares. Como afirma Rodrigo Cavalcante, trata-se de uma possível tentativa de desqualificá-la, julgando-a errada e mentirosa.

Nenhum historiador que compreenda realmente seu papel na sociedade seria capaz de tentar desqualificar um livro, que continua a ser alvo de polêmicas. Longe disto, quando afirmo que a Bíblia segue um estilo literário e este conta com elementos fictícios, quero legitimá-la ainda mais como fonte científica.

²¹ “Conhecido na história da literatura como “o príncipe das biografias”, Plutarco nasceu na Grécia no ano 46 e morreu em torno do ano 120 d.C. – justamente o intervalo de tempo em que os quatro evangelhos teriam sido escritos.” In: CAVALCANTE. Rodrigo e CHEVITARESE. André. “Jesus”. Coleção Para Saber Mais – Super Interessante p.19

²² CAVALCANTE. Rodrigo e CHEVITARESE. André. “Jesus”. Coleção Para Saber Mais – Super Interessante. P.19-20

²³ Jornalista formado pela USP, editor da revista Super Interessante.

²⁴ Formado em História, fez mestrado em História Antiga (UFRJ), doutorado em Antropologia Social (USP) e pós-doutorado (UNICAMP).

* Destaques em negrito meus.

Reconhecendo o estilo literário, posso localizar o texto no tempo e espaço em que foi criado, possibilitando analisá-lo em conformidade com o estilo literário do período, sem cometer anacronismo. Posso ainda através do reconhecimento do estilo literário, relaciona-lo com nossa linguagem, e buscar uma tradução, interpretação correta, coerente, com a verdadeira mensagem que o texto quis passar, na época que foi escrito e a mensagem que ele tem a passar ainda hoje.

O próprio Jesus lançava mão de um artifício lingüístico nada erudito para alcançar seu publico alvo: falava em parábolas, fantasiando suas palavras, para se fazer entender. Isto de forma alguma pode ser considerado mentira, pois a verdadeira mensagem não pode ser captada, levando-se em conta apenas o que foi dito. A mensagem está por detrás da parábola e deve ser submetida a uma análise que a remeta à realidade, tirando a fantasia e colocando-a em linguagem que faça sentido hoje e tenha coerência com o que foi dito ontem.

A forma lingüística escolhida pelos hebreus não torna a bíblia uma mentira, mas um mar de enigmas lingüísticos, que deve ser muito bem navegado, para não se afogar em fábulas e conseguir alcançar a terra firme, uma praia de conhecimentos.

– CAPÍTULO 2 –

povo e religião

O conceito “povo”, sob qualquer aspecto, remete a um conjunto de pessoas próximas, que acreditam compartilhar diversas características em comum, sociais, políticas, raciais, religiosas, econômicas, culturais, enfim, qualquer característica que identifica e une um determinado grupo em defesa e conservação de um determinado conhecimento, costume ou ritual, é o que o configura como povo. Ou seja, ainda que haja divergências de características, se existir uma capaz de superar todas as divergências e unir o grupo, então esta será a característica que constitui este grupo, como um povo.

Minha definição e compreensão do conceito povo não parece contraditória à apresentada no dicionário, como se pode conferir: “(ô). [Do lat. populu.] S. m. 1. Conjunto de indivíduos que falam a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, afinidade de interesses, uma história e tradições comuns.”²⁵ Portanto, é possível afirmar que a característica que identifica o povo hebreu é a religião, o judaísmo.

Sob qualquer hipótese, ser hebreu era ser judeu: professar a fé em um só Deus e viver de acordo com as suas leis. Por esta razão, pela intensidade que este povo vivia sua religião, não é incorreto identificá-los também como judeus.

O judaísmo, primeira religião monoteísta os diferenciava e muito dos demais povos, todos politeístas. Ser o primeiro a romper uma determinada linha de pensamento nunca foi uma posição confortável, agradável. Ainda mais quando se trata de dogmas religiosos – basta relembrar a Reforma Protestante, ou a revolta de Canudos.

²⁵ Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI Versão 3.0 – Novembro de 1999.

Uma nova idéia que estabelece a identidade de um povo, até que ele se estabeleça, encontra diversos opositores pelo caminho, e não foi diferente com os judeus.

A região que ainda hoje é cenário de conflitos intermináveis, sempre foi palco de guerras históricas ao menos desde 4.000 a.C., quando começaram a surgir as primeiras cidades. Diversos eram os povos que habitavam a região há mais ou menos 6.006 atrás. Cada qual com características distintas e lutando para se estabelecer, fazendo prevalecer o seu povo e sua cultura, tentando eliminar as demais. Portanto, os semitas²⁶ nunca foram irmãos, ao contrário sempre foram rivais. Não por um motivo ou outro qualquer, não apenas por divergências religiosas ou culturais, mas por uma questão de sobrevivência.

Até o fim do imperialismo colonial no século XX, os povos se expandiam apenas invadindo e se apropriando das riquezas do outro, eliminando as características que até então os identificavam. Impondo a nova cultura que deveria ser incorporada e transmitida às próximas gerações, como realmente acontecia na maioria das vezes.

Numa região onde os recursos naturais eram escassos para quantidade de povos que pretendiam se estabelecer ali e explorar tais recursos, todo povo, semita ou não, era um invasor em potencial, pois procurava a melhor condição e ambiente para a prosperação da sua cultura. Não foi diferente entre os nossos índios, entre as comunidades primitivas de toda a América, África, de todo o globo.

Os hebreus eram um desses povos, que habitavam a conturbada península arábica, há mais ou menos 2.700 anos atrás. Todos eram guerreiros e invasores lutando pela sobrevivência, por assim dizer. Porém, durante algum tempo, não estavam

²⁶ Os hebreus são sabidamente semitas, o que os remete a outro grupo de características, que os unem a um outro grupo de identificação, mas não necessariamente os caracterizam como povo. A característica que identifica e aproxima os semitas não é maior que as características que os diferenciam e os separam causando conflitos entre eles até hoje, por não se acreditarem e se assumirem iguais aos demais indivíduos que nasceram na mesma região. Portanto, apesar de se enquadrarem num determinado grupo de características comuns, não configuram povo. Semitas são todos os indivíduos descendentes dos povos e culturas oriundas da Ásia ocidental e, portanto, pertencentes à mesma família etnográfica e lingüística, como os assírios, os aramaicos, os fenícios, enfim os árabes – todos os povos surgidos na península asiática, mais propriamente na península arábica, entre o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico.

preocupados em fixar morada em um lugar, eram nômades e excelentes pastores, viviam basicamente da criação de animais e comércio dos produtos derivados dos animais, diferentemente dos outros povos que na maioria eram agricultores e artesãos.

Dito isto, encontramos na Bíblia, a fonte que apresenta a única versão para a história dos hebreus quando ainda nômades e escrita por eles mesmos, a seguinte passagem:

*“O homem se uniu a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Caim. E disse: “Adquiri um homem com ajuda de Javé”. Depois ela também deu à luz Abel, irmão de Caim. **Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim cultivava o solo.** Depois de algum tempo, **Caim apresentou produtos do solo como oferta a Javé. Abel, por sua vez, ofereceu os primogênitos e a gordura do seu rebanho. Javé gostou de Abel e de sua oferta, e não gostou de Caim e da oferta dele.** Caim ficou então muito enfurecido e andava de cabeça baixa. E Javé disse a Caim: “Por que você está enfurecido e anda de cabeça baixa? Se você agisse bem, andaria com a cabeça erguida; mas, se você não age bem, o pecado está junto à porta como fera acuada espreitando você. Por acaso, será que você pode dominá-la?”Entretanto, Caim disse a seu irmão Abel: “Vamos sair”. E quando estavam no campo, Caim se lançou contra o seu irmão Abel e o matou.*

*Então Javé perguntou a Caim: “Onde está o seu irmão Abel?” Caim respondeu: “Não sei. Por acaso eu sou o guarda do meu irmão?” Javé disse: “O que foi que você fez? Ouço o sangue do seu irmão, clamando da terra para mim. **Por isso você é amaldiçoado por essa terra que abriu a boca para receber de suas mãos o sangue do seu irmão. Ainda que você cultive o solo, ele não lhe dará mais o seu produto.** Você andarà errante e perdido pelo mundo”. Caim disse a Javé: “Minha culpa é grave e me atormenta. **Se hoje me expulsas do solo fértil, terei de esconder-me de ti, andando errante e perdido pelo mundo; o primeiro que me encontrar, me matará**”. Javé lhe respondeu: “**Quem matar Caim será vingado sete vezes**”. E Javé colocou um sinal sobre Caim, a fim de que ele não fosse morto por quem o encontrasse. Caim saiu da presença de Javé, e habitou na terra de Nod, a leste de Éden.”²⁷**

No trecho da bíblia reproduzido acima é nítida a preferência de Deus, pelos pastores. O texto se desenvolve a partir do momento em que é anunciada a atividade de Abel, pastor de ovelhas. A profissão do irmão vem na seqüência – agricultor – e o fruto de seu trabalho é ofertado a Deus. Mas a oferta é recusada, pois comparada com a de Abel, agradou menos a Deus. Caim sente-se tão injustiçado que mata o irmão, por inveja e ódio e é punido por Deus.

²⁷ Gênesis cap.4 vers.1-16. in: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

* Destaques em negrito meus.

Ora, não é bastante coerente pensar que um povo quando vai contar a própria História, procure valorizar e enaltecer as características que o torna diferente dos demais povos? Não é sensato um povo imaginar que a principal atividade que exerce para garantir a sobrevivência seja uma tarefa abençoada, assim como seus frutos? Sabendo que a Bíblia é um livro que conta a história dos hebreus e ciente de que uma das características que os diferenciavam dos demais povos era a atividade econômica a qual se dedicavam, não posso deixar de relevar que a tão famosa passagem bíblica de Caim e Abel possa na verdade ser a forma como os hebreus encontraram de compreender a relação que estabeleciam com o trabalho que garantia a sobrevivência do povo.

É como se respondessem a perguntas simples, mas cujas respostas significassem muito para explicar as diferenças e especificidades da cultura deste povo. Por que somos historiadores e não matemáticos, por que temos habilidades com os conhecimentos humanos e não os exatos, por que nosso talento é para esta e não para aquela atividade? Por que somos pastores se outros são agricultores, artesãos ou comerciantes?

Experimente a seguinte resposta: Deus adorou o produto do seu trabalho, desde a primeira vez que seu ancestral ofertou-o. Ele preferiu o produto do seu trabalho, a sua oferta, às demais. Por isso, por que Deus gostou do que seu ancestral lhe ofertou, você hoje é abençoado, por ter o dom de produzir o que é “predileto” a Deus.

Para um povo nômade, que habitou a Palestina no início dos tempos e na sua maioria composto por pastores analfabetos, bastava a idéia de que eram pastores, porque o Deus, com o qual tinham firmado uma aliança, gostava de carne e da atividade exercida pelo pastor e, portanto, abençoava tal profissão. Enfim, é fundamental para um hebreu entender a importância da atividade do pastor, que garante a saúde e integridade do que depois será alimento, ou renda, tornando-se a base da economia deste povo.

Não pode ser por acaso que em tantas passagens e parábolas bíblicas, o pastor é utilizado como exemplo, metaforizando situações do cotidiano, relações de criador e criatura, pai e filho, sempre colocando a figura do pastor como fundamental para o futuro do rebanho. A falta de historicidade das pesquisas e estudos bíblicos esconde

atrás do sagrado e de verdades absolutas, a relação que existe entre os mitos encontrados na bíblia e o mundo vivido pelos hebreus.

Quero salientar a unidade que a religião monoteísta promove, ao dar uma única resposta, vinda de um único Deus, para um único povo, a uma questão que diz respeito a todos que se sentem integrados neste povo. Numa cultura politeísta, como no caso de todas as outras contemporâneas aos hebreus, tal unidade fica comprometida, pois para cada atividade ou ramo de atividade praticado na sociedade politeísta, existe um deus específico, com respostas diferentes para cada situação. Novos deuses, ou semideuses eram criados, de acordo como a vontade, intenção e fé de cada novo imperador, que assumisse o poder deste povo.

No judaísmo dos hebreus, um único Deus havia firmado aliança com todo o povo e somente um escolhido seu poderia governá-los e ditar o caminho segundo o qual se acreditava que o próprio Deus havia escolhido.

Um hebreu ou judeu jamais abria mão de acreditar na aliança feita com o seu Deus, para acreditar num outro, proposto por um imperador ou líder. Seria uma traição acreditar em outro Deus que não fosse o professado pela fé judaica. Tal atitude seria julgada e penalizada, às vezes, pelo próprio Deus. Isto significa dizer que a fé judaica, a fidelidade deste povo com seu Deus, transcendia ao governo, ao poder humano sobre o próprio homem. As atitudes e caminhos tomados pelos hebreus estavam sempre de acordo com a fé que este povo dedicava ao seu Deus. Estamos falando de um sistema teocrático, onde as leis e diretrizes políticas são dadas de acordo com as leis e diretrizes religiosas.

No politeísmo, o imperador era o próprio Deus. Na terra, e inversamente à teocracia judaica, a religião andava de acordo com o interesse político que o imperador traçava para o seu povo. Sempre buscando ampliar seus domínios, os imperadores politeístas subjugavam os povos, não só ao poder político exercido por ele, mas também à fé professada pelo mesmo. Exigiam do povo dominado que abandonasse sua fé e cultura e adotasse todas as novas concepções impostas, trazidas pelo invasor. Isto

garantia ao imperador poder total sobre este povo e não obedecê-lo era condenar-se à morte.

~~historia e religião, fé e razão~~

Estava armado o cenário de conflito na terra dos semitas: um povo monoteísta que não aceitava ser governado, se não por um dos seus líderes, também monoteísta, indicado diretamente pelo seu Deus, contra todos os outros povos politeístas e seus imperadores, “violentos” e sedentos de riqueza. Além disso, naquela época, escravos, impostos, metais, artesanato e alimentos, tudo era comercializado.

Assim unidos e fundamentados na fé, os hebreus trilharam e escreveram o seu longo caminho na História. A começar pela busca por um território para se fixar. Aqui começa nossa jornada pela História dos hebreus, dos judeus, dos israelitas, dos primeiros cristãos, buscando evidenciar onde, porquê e como surge e se fundamenta este povo chamado hebreu, este mito chamado Cristo e esta ideologia denominada cristianismo.

Enquanto nômades, vagando por toda a Mesopotâmia, buscando os melhores lugares para criação dos seus animais, os hebreus não encontraram dificuldades maiores, do que a de ter que sobreviver num território um tanto quanto inóspito à sobrevivência humana. “A mortalidade infantil era alta, e a expectativa de vida girava em torno dos 30 anos. Só raros privilegiados alcançavam os 50 ou 60 anos de idade.”²⁸

Este período, segundo minha análise, corresponde na bíblia, a todo o período anterior à aliança feita com Abraão. Na verdade, creio que neste período os hebreus sequer se configuravam enquanto povo.

²⁸ CAVALCANTE. Rodrigo e CHEVITARESE. André. “*Jesus*”. Coleção Para Saber Mais – Super Interessante. p.36.

Segundo a Bíblia, “Sem”, progenitor da família de Abraão e um dos filhos de Noé, além de vários outros antepassados de Abraão, estavam entre outros povos distintos, para a historiografia, como os fenícios, assírios, babilônios e outros tantos. Porém na bíblia estão todos ligados a grande “família humana”, que antecede a aliança com Abraão.

Na verdade, a própria bíblia, identifica alguns destes povos já existentes, segundo a historiografia, e relacionando-os no espaço-tempo, onde posteriormente surgirá o “Povo de Deus”.

Até a aliança que inicia este processo, encontramos uma proliferação e difusão de parentes de Caim e principalmente de Set, filho caçula de Adão e Eva progenitor de Noé, por toda a Mesopotâmia.

Estes vão se integrando a outros povos ou, como diz a bíblia, criando cidades e fundando capitais, porém estas cidades e capitais historicamente não estão ligadas aos hebreus e sim a outros povos distintos.

“A família humana – Esta é a descendência dos filhos de Noé: Sem, Cam, e Jafé, que tiveram filhos depois do dilúvio.(...)”

Filhos de Cam: Cuch, Mesrai, Fut, e Canaã. Filhos de Cuch: Saba, Hévila, Sabata, Regma e Sabata. Filhos de Regma: Sabá e Dadã.

*Cuch gerou **Nemrod**, que foi o primeiro valente na terra. Foi um valente caçador diante de Javé, e é por isso que se diz: “Como Nemrod, valente caçador diante de Javé.” As capitais do seu reino foram **Babel**, Arac e Acad, cidades que estão todas na terra de Sennar. Dessa terra saiu, **Assur**, que construiu **Nínive**, Reobot-Ir, Cale e Ressen, entre Nínive e Cale.”²⁹**

Babel, historicamente corresponde a Babilônia, no período em que ela estava sob o domínio dos **caldeus**, descendentes diretos dos babilônios e sob o comando do bastante conhecido, rei Nabucodonosor, responsável pela construção dos Jardins

²⁹ Gênesis cap.10 vers.1; 6-12. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

* Destaques em negrito são meus, exceto o título proposto pelos editores: A família humana.

Suspensos da Babilônia, e de grandes Zigurates³⁰. Um deles, a bíblia cita como sendo a torre de Babel.³¹

Assur-banipal, foi o mais ilustre rei **assírio**. Estes eram conhecidos pela crueldade com a qual tratavam os povos que derrotavam nas batalhas, para ampliar seu reino. Toda a cidade de Nínive foi construída em torno do seu palácio, denominado Nimroud.³² Coincidência ou não o palácio de Assur-banipal, rei de um dos povos guerreiros mais temidos pela crueldade, Nimroud, tem o nome muito próximo, do nome que a bíblia remete ao primeiro valente da terra: Nemrod.³³

Outros dois trechos esclarecem definitivamente que antes de Abraão iniciar sua jornada em busca da terra prometida, segundo a bíblia, não existia um povo especificamente hebreu, ou um “Povo de Deus”. Apesar de contraditório, devido à realidade cultural da época, mesmo que fossem monoteístas, como indica ou pressupõe a bíblia, ao mostrar que Javé amaldiçoou, andou, e abençoou, alguns dos descendentes de Set, fica claro que não estavam reunidos. Não tinham uma identidade ou característica que os unissem.

O monoteísmo parecia disperso entre alguns poucos descendentes de Set, que estavam espalhados pela Mesopotâmia, nascidos ou convivendo no meio de povos politeístas, se é que isto foi possível. Não estava, portanto, consolidado entre um grupo específico, que constituísse um povo.

“Esta é a descendência de Taré: Taré gerou Abraão, Nacor e Arã. Arã gerou Ló.

Arã morreu em **Ur dos caldeus, sua terra natal**, quando seu pai Taré ainda estava vivo.”³⁴*

³⁰ Espécie de pirâmide fatiada, com diversos patamares onde no topo ficava um templo religioso. Tinha a aparência de uma montanha construída por homens. Ver: SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica – 5ª série*. p.83

³¹ SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica – 5ª série*. p.81

³² Idem.p.82

³³ Gênesis cap.10 vers.8. in: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral*.

³⁴ Gênesis cap.11 vers. 27-28. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral*.

* Destaques em negritos meus.

Ur foi uma das primeiras e maiores cidades-estados, criadas pelos primeiros povos a habitar e construir cidades na Mesopotâmia, os sumérios, também politeístas. Posteriormente e sucessivamente, como era comum naquele período, as cidades sumérias, foram invadidas e seu povo escravizado. Um dos povos a dominar o território sumério, foram os caldeus, também politeístas, onde o trecho citado diz ter nascido Arã, pai de Ló e irmão de Abraão, que possivelmente, também era caudeu, mas, ainda que não fosse, viveu entre estes politeístas, até então.

“II. ORIGEM DO POVO DE DEUS

1. Abraão o homem da fé

*Vocação de Abraão – Javé disse a Abraão: “Saia de sua terra, do meio de seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. Eu farei de você um grande povo, e o abençoarei; tornarei famoso o seu nome, de modo que se torne uma benção. Abençoarei os que abençoarem você e amaldiçoarei aqueles que o amaldiçoarem. Em você todas as famílias da terra serão abençoadas.”³⁵**

Se Abraão já pertencesse a um povo monoteísta, que professasse a fé apenas em Javé, então por que razão o mesmo o teria tirado do meio dos seus e teria prometido terra apenas a ele e lhe conferido, em verbo futuro, a origem do seu povo?

Os hebreus como povo, como unidade, surgem com Abraão. Que professa fé em um único deus e vive de acordo com esta fé, reunindo ao seu redor somente aqueles que partilhassem da mesma crença. Ele buscou um local para fixar e demarcar como terra do povo que acreditava nesse deus: Javé, o deus único.

Sabendo que uma teocracia, aplica leis religiosas à sociedade como sendo leis políticas, jurídicas e morais. E que dentro da realidade da cultura de povos politeístas não existia a possibilidade de um grande número de fieis professasse fé em um único deus, pois ameaçaria a estabilidade deste povo. É possível pressupor fundamentando-se

³⁵ Gênesis cap.12 vers. 1-3. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

* Destaques em negrito são meus, exceto os títulos propostos pelos editores: II Origem do Povo de Deus, 1. Abraão o homem da fé e Vocação de Abraão, que estão aí reproduzidos, pois até nós títulos está explícito que os hebreus não configuravam povo, antes de Abraão.

na bíblia que até à “Aliança” de Abraão com Javé, não era possível identificar um “povo” monoteísta, que acreditasse em um único deus.

Estes estavam espalhado por outros povos, tendo que obedecer e viver de acordo com a teocracia de povos politeístas. Portanto, afirmo que na verdade antes de Abraão não é possível falar de um “povo” conhecido como hebreu e muito menos judeu. Pois não havia, segundo a bíblia e nem segundo qualquer documento histórico, ao qual tive acesso durante esta pesquisa, informação, que assegurasse a “unidade entre um grupo de pessoas” em torno de uma fé monoteísta, até o “aparecimento” do supracitado profeta.

Talvez seja possível que existissem indivíduos ou pequenos grupos, que acreditassem ou comesçassem a crer num único deus. Mas daí a unir-se para defender esta fé e a quem nela deposita-se sua confiança, num território comandado, organizado e disputado por culturas politeístas, e naturalmente violentas, era pouco provável. Portanto se estes indivíduos estivessem separados ou distantes uns dos outros, inseridos em outras culturas que não a monoteísta, não os entenderia como povo.

É exatamente a “Aliança” de Abraão com Javé, que, a meu ver, abre um precedente e marca na carne, o sinal que vai diferenciar os monoteístas dos politeístas e assim gerar um novo povo, unido em prol de uma crença.

Este povo inicia a peregrinação em busca de um território fixo e conseqüentemente iniciando uma série de conflitos e derrotas. Este povo sofreu, sendo escravizado por vários outros, que já estavam configurados como povo há séculos, já se organizavam em cidades-estado e, portanto, encontravam-se muito mais fortes, militar, econômica e politicamente do que os hebreus, fazendo da guerra, dos conflitos a única forma de garantir e ampliar seus domínios.

*“A pertença ao povo de Deus – Quando Abrão completou noventa e nove anos, Javé lhe apareceu e disse: “**Eu sou o Deus todo-poderoso. Comporte-se de acordo comigo e seja íntegro. Vou fazer uma aliança entre mim e você, e o multiplicarei sem medida**”. Abrão caiu com o rosto por terra. Então Deus lhe falou:*

*“Veja! A aliança que eu faço com você é esta: você será pai de muitas nações. E não se chamará mais Abrão, mas o seu nome será Abraão, pois eu o tornarei pai de muitas nações. Eu o tornarei extremamente fecundo. **De você farei surgir nações, e de você nascerão reis. Vou estabelecer para sempre a minha aliança entre mim e você, como aliança eterna. Serei o Deus de você e o Deus de seus futuros descendentes. Vou dar a você, e a seus futuros descendentes, a terra em que agora vive como imigrante, toda a terra de Canaã, como posse perpétua. E eu serei o Deus de vocês**”.*

*E Deus continuou falando a Abraão: “Quanto a você, observe a aliança que faço com você e com seus futuros descendentes. **E a aliança que eu faço com você e seus futuros descendentes, e que vocês devem observar, é a seguinte: circuncidem todos os homens. Circuncidem a carne do prepúcio. Este será o sinal da aliança entre mim e vocês. Quando completarem oito dias, todos os meninos de cada geração serão circuncidados; também os escravos nascidos em casa ou comprados de estrangeiros, que não sejam da raça de vocês. Circuncidem os escravos nascidos em casa ou comprados. Minha aliança estará marcada na carne de vocês como aliança perpétua. Todo homem não circuncidado, cujo prepúcio não for circuncidado, será afastado do povo de você, por ter violado a minha aliança**”.*

*Deus disse a Abraão: “Sua mulher Sarai não se chamará mais Sarai, mas Sara. Eu a abençoarei, e dela darei um filho a você, e eu o abençoarei. **Dela nascerão nações e reis de povos.**”³⁶**

Resumidamente, a Aliança firmada deixava clara a necessidade de se separar os monoteístas e os politeístas. [***Eu sou o Deus todo-poderoso. Comporte-se de acordo comigo e seja íntegro. Serei o Deus de você e o Deus de seus futuros descendentes.***]

Em troca da integridade e fidelidade, Deus prometeu a Abraão uma terra para fixar todo o seu rebanho, família e escravos, toda as suas posses. [***“Vou dar a você, e a seus futuros descendentes, a terra em que agora vive como imigrante, toda a terra de Canaã, como posse perpétua. E eu serei o Deus de vocês.***]. Perceba que a terra que Javé promete já é habitada e controlada por um outro povo, os cananeus, habitantes de Canaã, ainda assim a promessa ganha uma validade ilimitada [***perpétua***].

³⁶ Gênesis cap.17 vers.1-16. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

* Destaques em negrito são meus, exceto o título proposto pelos editores: A pertença ao povo de Deus.

Como assinatura do acordo, símbolo da aliança, Javé estabelece uma marca, um sinal, que todos os descendentes homens de Abraão e seus escravos deveriam possuir para habitar na terra prometida[*“Este será o sinal da aliança entre mim e vocês. Quando completarem oito dias, todos os meninos de cada geração serão circuncidados; também os escravos nascidos em casa ou comprados de estrangeiros, que não sejam da raça de vocês”.*] e mais uma vez afirma que este sinal, serviria para separar os monoteístas dos politeístas. [*“Todo homem não circuncidado, cujo prepúcio não for circuncidado, será afastado do povo de você, por ter violado a minha aliança”.*]

Agora sim, podemos falar de um povo, com características únicas e que devem ser compartilhadas por todos que porventura venham a participar deste grupo: circuncisão, monoteísmo, integridade e fidelidade a Javé e suas leis.

Com a Aliança entre Abraão e Javé, funda-se mais do que um povo, fundam-se mitos, aos quais este povo estaria ligado eternamente: a perpetuação ou eternidade da Aliança que passará de geração a geração; Abraão como patriarca legítimo deste povo e Sara como matriarca, dos quais todos os filhos deste povo e principalmente seus reis deveriam descender; a posse perpétua de um território: Canaã; e a multiplicidade infinita do povo judeu, através de Abraão.

Estes mitos e características aparecem intrínsecos na história do povo hebreu e serão retomados no devido contexto, no decorrer de todo o trabalho. Por enquanto é vital identificá-los e incorporá-los à idéia central, que salienta o quão este povo que acaba de surgir era específico, distinto, diferente dos demais povos contemporâneos a eles. Depois aprofundaremos um pouco mais na história dos hebreus, para identificar alguns outros mitos que irão surgir interligados a estes que acabaram de ser citados, no decorrer do caminho do primeiro povo monoteísta da História.

~~acumulação primitiva, alianças e conflitos~~

Abraão, apesar de não possuir terras, viver como um nômade, quando fez a Aliança, já era um afortunado. Ainda antes da Aliança propriamente dita, Javé já havia abençoado, falado, protegido e até mesmo, visitado a casa de seu servo, na ocasião da destruição de Sodoma e Gomorra. Desta forma, enquanto Javé e Abraão iam “se conhecendo e acertando os trâmites da Aliança,” Abraão acumulava escravos, rebanho e riquezas, pois suas atitudes de fé e integridade a Javé, agradavam-no. Esta é a relação, que segundo a bíblia, justifica a bem sucedida peregrinação e acumulação de bens de Abraão, que estava diretamente ligada à própria formação, acumulação e estabelecimento do povo hebreu.

Numa análise histórico-crítica, surgem algumas possibilidades de compreensão, além da inquestionável fé e dedicação que Abraão remetia à Javé, coerentemente com a bíblia e com o momento histórico vivido pelo profeta. E indica que o povo hebreu já contava com um número, ainda pequeno, mas importante de seguidores. Assim que se estabelece a Aliança este número cresce proporcionalmente à ascensão e enriquecimento de Abraão. Isso explica também o que, para o intuito desta pesquisa, é muito mais relevante do que o número de fiéis, propriamente dito. As passagens demonstram que Abraão estabeleceu, desde o momento que saiu de Ur, relações comerciais e alianças, que o permitiram além de seu enriquecimento e ampliação do número de fiéis, divulgar indiretamente a intenção de seu povo, afirmar a fé em um só deus, estabelecendo uma relação entre o seu enriquecimento e a benção recebida de Javé através da Aliança.

Os politeístas tinham que submeter-se aos deuses do panteão, obedecer e confiar seus bens aos faraós, reis e imperadores, representantes deste panteão na terra. A ascensão de Abraão, que se submetia a um só deus, e recebia deste proteção e riquezas, convertia alguns, proporcionava algumas alianças importantes e desafiava o poder de muitos que dependiam do politeísmo, para manter o status e a estabilidade que gozavam diante de um povo politeísta.

Poderia aqui citar diversas passagens que demonstram estas relações comerciais favoráveis a Abraão, para auxiliar a compreensão. Mas como não há espaço-tempo suficiente para debatê-las, contentemo-nos com pequenos trechos, que demonstram como a riqueza de Abraão, herdada por seu filho Isaac, dava legitimidade à aliança feita com Javé e reafirmava que a riqueza deles era fruto desta aliança e herança de todo povo hebreu. Demonstram também o descontentamento e inveja dos outros povos diante de tão grande e rápida ascensão, que provém muito mais da habilidade e dos acordos comerciais estabelecidos por Abraão e por seus descendentes diretos, do que da pura e simples benção de Javé.

*“Abrão disse à sua mulher Sarai: ‘Olhe! Eu sei que você é uma mulher muito bonita. Quando os egípcios virem você, vão dizer: ‘É a mulher dele’. E me matarão, deixando você viva. Diga, por favor, que você é minha irmã, **para que eles me tratem bem por sua causa** e, assim, graças a você, eles me deixarão vivo’.* (...)”

“Este [faraó] por causa de Sarai tratou bem a Abrão: ele recebeu ovelhas, bois, jumentos, escravos, servas, jumentas e camelos.” (...)”

*[Após o Faraó e toda a corte ter sido ferida por Javé com várias doenças, por causa de Sarai que havia sido “tomada como esposa” pelo Faraó.] “O faraó confiou Abrão, junto com sua mulher e **tudo o que possuía**, a vários homens, que os levaram até a fronteira.”*³⁷*

A situação a seguir diz respeito a uma ocasião de guerra para disputa de territórios. Travada entre duas alianças de reis, uma com quatro e outra com cinco reis. Além de Abraão que entra depois com um exercito de 318 homens e liquida todos os inimigos.

*“Quando Abrão soube que seu parente[Ló] fora levado prisioneiro, **reuniu seus aliados** e familiares, em numero de trezentos e dezoito, e perseguiu os inimigos até Dã. (...) **Recuperou todos os bens e trouxe também seu irmão Ló, junto com os bens, as mulheres e a tropa deste.*** (...)”

*Melquisedec, rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo [um dos cinco reis que perdia a batalha antes da entrada de Abraão], levou pão e vinho, e **abençoou Abrão** (...) **E Abrão lhe deu a décima parte de tudo.*** (...)”

³⁷ Gênesis cap.12 vers.11-16. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

* Comentários entre colchetes e destaques em negrito são meus.

*O rei de Sodoma disse a Abrão: “Dê-me as pessoas e **fique com os bens**”.*

*Mas Abrão respondeu ao rei de Sodoma: [outros dos cinco reis](...)”Aceito apenas o que meus servos comeram e a parte de Aner, Escol e Mambré, que me acompanharam; que eles peguem a parte deles.”³⁸**

Abraão não aceitou a proposta do rei de Sodoma, dizendo que não queria nada do que “pertencia a ele, rei”. Acredito que estava falando apenas da décima parte de tudo o que ele havia recuperado na guerra, pois foi o mesmo que entregou ao rei de Salém.

*“Abraão partiu daí e foi para o Negueb, (...) **vivendo como imigrante em Gerara. Abraão dizia que Sara era sua irmã. Então Abimelec, rei de Gerara, mandou buscar Sara. Mas Deus visitou Abimelec em sonho durante a noite, e lhe disse: “Você vai morrer por que essa mulher que você tomou é casada”***.(...) *”*

Abimelec pegou ovelhas e bois, servos e servas, e os deu a Abraão, devolvendo também sua mulher Sara. Disse ainda: “Minha terra está aberta para você; fique onde quiser”. Depois disse a Sara: “Aqui estão mil moeda de prata para o seu irmão. Isso servirá de reparação diante de todos os seus, e ninguém pensará mal de você”.(...) *”³⁹**

Não que Sara fosse um produto, mas tanto Abraão quanto seu filho Isaac conseguiram aumentar e muito suas riquezas, enganando e entregando suas esposas, como se fossem irmãs aos comandantes das cidades aonde chegavam, justificando proteção à vida.

Mais do que os bens recebidos dos governantes, como compensação e reparação do pecado de ter desejado a mulher do próximo, os reis, ou faraós, forneciam proteção e vantagens ao supostos irmãos da dama. Devido a este favorecimento, os líderes hebreus, conseguiam produzir em escala maior do que os próprios habitantes das cidades.

Portanto, quando “expulsos” levavam além da reparação, toda a produção conseguida sob a proteção e favorecimento do faraó. Às vezes firmava uma aliança de

³⁸ Gênesis cap.14 vers.14-15; 18-22; 24. In: *Bíblia Sagrada*.

³⁹ Gênesis cap.20 vers.1-4; 14-16. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral*.

* Comentários entre colchetes e destaques em negrito são meus.

respeito e paz com o próprio. Além é claro de transmitir a mensagem do monoteísmo, saindo como vitorioso, abençoado por Javé, que o teria protegido e à esposa do adultério e da morte.

*“Nesse tempo, Abimelec veio com Ficol, chefe do seu exército, e disse a Abraão: **“Deus está com você em tudo o que você faz. Portanto, jure por Deus, aqui mesmo, que não enganará nem a mim, nem a meus filhos e descendentes. E que você tratará a mim e a esta terra, onde você mora, com a mesma amizade com que eu tratei você”**”.*

Abraão respondeu: “Eu juro”.(...)

*Depois que **fizeram aliança** em Bersabéia, Abimelec e Ficol, chefe do seu exército, voltaram para a terra dos filisteus.”⁴⁰**

Isaac, filho herdeiro de Abraão, prossegue acumulando riquezas e bens. E, devido a um período de seca onde habitava, foi para Gerara, terra de Abimelec.

*“Os homens do lugar perguntaram a Isaac sobre Rebeca. Isaac respondeu: “É minha irmã”. (...) Abimelec chamou Isaac e disse: “É claro que ela é sua mulher!” (...) Então Abimelec deu esta ordem a todo o povo: **“Quem tocar neste homem ou em sua mulher, morrerá”**”.*

Isaac semeou aquela terra e, nesse ano, colheu o cêntuplo. Javé o abençoou e ele foi ganhando muito, ate ficar bem rico. Tinha rebanho de bois e ovelhas e numerosos servos. Por causa disso, os filisteus ficaram com inveja. (...)

*Abimelec disse a Isaac: “Vá embora daqui, porque você ficou mais poderoso do que nós”.⁴¹**

Mais adiante, Isaac, assim como seu pai havia feito, estabelece uma aliança com Abimelec. Enfim, as citações serviram para demonstrar como os hebreus vão estabelecendo relações comerciais e alianças que os permitiram acumular bens, mesmo não tendo um território fixo, ou seja, mesmo em terras estrangeiras, de povos provavelmente politeístas, onde o próprio povo, nativo da região, não conseguia ascender financeiramente. Desta forma, os hebreus enriqueciam, divulgavam o

⁴⁰ Gênesis cap.21 vers.22-24; 32. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

⁴¹ Gênesis cap.26 vers.7; 9; 11-14; 16. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

* Destaques em negrito são meus.

monoteísmo e geravam conflitos enquanto buscavam obter o verdadeiro objetivo, toda a terra de Canaã, que acreditavam lhes ter sido destinada por Javé.

~~rito, mito e afirmação~~

Neste processo de expansão e acumulação, vários indivíduos nascidos e criados de acordo com outras culturas, que não a hebraica, começaram a compartilhar principalmente da crença fundada por este povo e, portanto, cada vez mais a característica que os identifica e une passa a ser o judaísmo, e a denominação judeu passa a ter tanta força quanto hebreu para uma leitura histórico-crítica.

Assim como posteriormente, será introduzida também a denominação israelita, que provém de um nome dado por Javé a um dos líderes dos hebreus. Esta é também a origem do nome da “terra prometida”, que permanece, até hoje, identificando o território dos judeus: Israel.

Enfim, é preciso esclarecer que não há uma distinção entre as três nomenclaturas, que prejudique a interpretação. Farei uso das três tentando encontrar a que melhor expressar coerência com o contexto.

A terceira geração, que leva adiante a expansão do judaísmo, a fé monoteísta e a crença na Aliança, é representada por Jacó – renomeado por Javé como Israel.

Como dito anteriormente, um dos mitos que acompanhava o judaísmo e o povo hebreu era a descendência dos líderes e reis, que deveria estar ligada a Abraão. Portanto, faz-se necessário acompanhar estas gerações e o surgimento e descendência de cada líder. Afinal, um líder que não tivesse tal descendência, poderia ser condenado à morte, como falso profeta.

É evidente que não pretendo traçar uma biografia de cada líder hebreu, mas identificar de forma superficial as possíveis contribuições destes para a consolidação da religião e do povo judeu, ressaltando e analisando através das passagens bíblicas a relação que estes líderes estabeleceram com os mitos judaicos.

Mais do que apresentar uma infinidade de árvores genealógicas, a bíblia marca através das gerações de líderes, momentos importantes da história dos hebreus. Antes mesmo da Aliança com Abraão, Javé havia lhe dito o tempo que levaria para que seus descendentes herdassem a “terra prometida”:

*“Saiba que seus descendentes viverão como estrangeiros numa terra que não é a deles. Ai nessa terra eles ficarão como escravos e serão oprimidos durante quatrocentos anos. [período que os hebreus viveram escravizados no Egito] Mas eu vou julgar a nação à qual eles vão servir, e depois eles **sairão com muitos bens**. Quanto a você, irá reunir-se em paz com seus antepassados e será sepultado após uma velhice feliz. **É na quarta geração que seus descendentes voltarão para cá**, [Canaã, Terra Prometida] porque até lá o crime dos amorreus terá chegado ao máximo.”*⁴²*

Não perca a conta, estamos na terceira geração de abençoados: Abraão, Isaac seu filho e agora Israel, seu neto, filho caçula de Isaac, que roubou a primogenitura e a benção de seu irmão mais velho.

Na “era” de Israel, surgem alguns mitos e rituais importantes. Além disso, no fim desse período, os hebreus, por intermédio de José, filho de Israel, migraram de Canaã para o Egito, onde gozaram de um período de ascensão, enquanto toda a administração do Egito esteve sob responsabilidade de José. Depois se tornam escravos.

Os rituais judaicos, diferente dos mitos não são fundamentais para a compreensão da história deste povo. Porém, estão presentes na nossa sociedade, daí a importância de historicizá-los, assim como aos mitos.

É a partir da história de Israel que passamos compreender a importância do ritual de purificação, representado nas celebrações religiosas atuais, assim como a unção pelo

⁴² Gênesis cap.15 vers. 13-16. in: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral*.

* Comentários entre colchetes e destaques em negrito são meus.

óleo, a razão pela qual os judeus não comiam ou não comem o nervo ciático contido na coxa dos animais, o significado dos doze apóstolos e principalmente a origem do dízimo e das igrejas e templos.

Israel foi o primeiro dos abençoados, segundo a narração bíblica, que após falar com Javé, ungiu uma pedra com óleo, antes de construir um novo altar em honra de Javé e o primeiro a fazer um voto espontâneo que inaugurava a base econômica das igrejas, o dízimo.

*“Ao despertar, Jacó disse:[Após ter falado com Javé em sonho.] “Este lugar é terrível. Não é nada menos que a Casa de Deus e a Porta do Céu”. Levantou-se de madrugada, **pegou a pedra que lhe havia servido de travesseiro, ergueu a como estela[marco, pedra fundamental] e derramou óleo por cima.** E chamou esse lugar de Betel. Mas antes a cidade se chamava Luza.*

*Jacó fez, então, este voto: “Se Deus estiver comigo e me proteger no caminho por onde eu for, se me der pão para comer e roupas para vestir, se eu voltar são e salvo para a casa do meu pai, então Javé será meu Deus. **E esta pedra que ergui como estela será uma casa de Deus, e eu te darei a décima parte de tudo o que me deres**”.*^{43*}

Israel não chegou a construir nenhum templo neste local, mas percebemos que estava explicada, para os judeus, a razão pela qual deviam entregar a décima parte de tudo que se produziam ao templo, à Casa de Deus. Pois assim o “povo de Deus” estaria sendo fiel ao compromisso feito por Israel. Portanto, podemos compreender Israel como o verdadeiro fundador da igreja, pois foi ele que teria não só lançado a pedra fundamental, onde se deveria construir a primeira “Casa de Deus”, como teria criado o sistema de doações que até hoje é uma das bases econômicas das igrejas e templos.

O óleo, que derramou sobre a pedra, ungindo-a, representa a sacralidade que remete à pedra que seria a primeira da “Casa de Deus”. Como disse, por se tratar mais de um ritual do que um mito propriamente dito, esta prática de ungir apesar de permanecer na sociedade, não é tão relevante para a compreensão dos mitos e história dos hebreus, mas representa a importância que os judeus davam e dão à unção. Um corpo ungido era um corpo sagrado, pertencente a Deus. Talvez a relação mais

⁴³ Gênesis cap.28 vers. 16-22. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

* Comentários entre colchetes e destaques em negrito são meus.

importante que possamos traçar diante deste ritual, é o significado que tem a palavra, cristo: ungido por Javé, o mesmo que dizer que pertence e foi enviado por Javé.

O motivo pelo qual os judeus não comem o nervo ciático contido no músculo da coxa dos animais é ainda menos importante para o nosso propósito. Interessa apenas a quem se dedica ao estudo dos rituais judaicos.⁴⁴

É neste trecho também que Javé dá o nome de Israel para Jacó. Acredito que este fato está relacionado a um costume ou tradição hebraica, como existe em outras culturas. A exemplo de algumas tribos indígenas brasileiras, onde ao alcançar a maior idade, o índio escolhe um novo nome para ser reconhecido na tribo. No islamismo e no budismo, a troca de nome também é comum. Porém a relevância da troca de nome é indiferente, no momento, apenas temos que adota-la para compreensão das passagens seguintes.

A purificação era sempre ligada ao abandono de velhos deuses e de seus pecados. O constante contato com as culturas politeístas e quantidade de novos adeptos oriundos das antigas crenças exigia a atenção constante dos líderes do monoteísmo e era considerado um ataque grave a Javé.

*“Então Jacó disse à sua família[Raquel mulher de Jacó, filha de um irmão de Abraão havia roubado os ídolos domésticos de seu pai] **a todos os que estavam com ele: “Joguem fora os deuses estrangeiros que estão entres vocês, purifiquem-se e troquem de roupa. Vamos subir a Betel, onde farei um altar ao Deus que me ouviu no perigo e me acompanhou em minha viagem”. Eles entregaram a Jacó todos os deuses estrangeiros que possuíam, e os anéis que traziam nas orelhas. E Jacó enterrou tudo debaixo do carvalho que está junto a Siquém. Levantaram acampamento, e o terror de Deus caía sobre as cidades vizinhas, e os filhos de Jacó não foram perseguidos.**”⁴⁵**

⁴⁴ Ver: Gênesis cap.32 vers. 23-33. In: *Bíblia Sagrada*.

⁴⁵ Gênesis cap.35 vers. 2-5. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral*.

* Comentários entre colchetes e destaques em negrito são meus.

– CAPÍTULO 3 –

as doze tribos

Minha fé crítica permitiu, na minha releitura da bíblia, encontrar diversas informações que me ajudaram a compreender melhor o cristianismo, o judaísmo, o catolicismo, enfim a compreender melhor a forma como nos relacionamos com os mitos.

Já havia me questionado sobre o porquê de Jesus ter escolhido 12 homens para acompanhá-lo, mas não conseguia nenhuma resposta historicamente adequada. O número doze para os apóstolos não foi decidido ao acaso, como minha fé cega deixou-se acreditar. Tem relação direta com a quantidade de descendentes diretos de Israel, que por sua vez tem relação direta com a “divisão” do povo hebreu em doze tribos, que, de acordo com a bíblia, são responsáveis pela concretização de uma das promessas de Javé.

*“Eu sou Javé, o Deus de seu pai Abraão e o Deus de Isaac. A terra sobre a qual você dormiu, eu a entrego a você e à sua descendência. **Sua descendência se tornará numerosa como a poeira do chão, e você ocupará o oriente e o ocidente, o norte e o sul. E todas as nações da terra serão abençoadas por meio de você e da sua descendência.**”⁴⁶**

Toda a península arábica estava prometida como herança, para um único povo, no tempo em que viver na Palestina podia ser tão perigoso, ou ainda mais perigoso que hoje. Onde o conflito não se travava em torno de apenas dois povos rivais, por diferenças, mas de vários povos rivais, por sobrevivência. Segundo a bíblia, o povo de Israel foi dividido em 12 tribos, que se espalharam e foram responsáveis pela multiplicação do povo de Israel, por tornarem infinita a descendência de Abraão, fazendo cumprir as promessas de Javé e principalmente pela organização e hierarquização do poder político judeu.

⁴⁶ Gênesis cap.28 vers. 13-14. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

* Destaques em negrito, meus.

Cada tribo influenciava e era influenciada de forma diferente pelas outras. Tinham importâncias distintas diante do governo central, estabelecido pela tribo mais influente, mas influenciado por todas as outras. Algumas dessas tribos se tornaram “rivais”, outras sumiram, ou não tiveram nenhuma expressão política significativa, pois não aparecem mais nos relatos bíblicos. De qualquer forma, não é necessário conhecermos cada tribo ou as características que as tornaram divergentes ou diferentes. Precisamos evidenciar a partir dos trechos bíblicos o enorme crescimento demográfico dos hebreus, a hierarquia social e política existente entre eles e a forma de governo tribal estabelecida. Tratando-se de um documento religioso e não acadêmico, não podemos exigir do mesmo elucidações que permitam localizar, cada tribo e seu poder de influencia ou ainda descrever um sistema completo de governo que corresponda ao estabelecido naquele momento. Apenas poderemos confirmar a presença destas características dentro da sociedade hebraica. Aliás, não é a **verdade** o intuito desta pesquisa, ao contrario é a **dúvida** e, portanto, os trechos a seguir fundamentam a problemática proposta que diz respeito à forma como eles se organizavam e se governavam, além de nos indicar uma possível razão pela qual Jesus teria escolhido doze apóstolos e o cenário político, no qual pregou sua doutrina.

“O futuro do povo de Israel – Jacó chamou seus filhos e disse: “Reúnam-se, para que eu lhes anuncie o que vai acontecer a vocês no futuro. Reúnam-se e escutem, filhos de Jacó, ouçam o seu pai Israel:

***Rúben**, você é o meu primogênito, minha força e primeiro fruto de minha virilidade, primeiro na fila e primeiro em poder, impetuoso como as águas; **você não manterá a primazia**, porque subiu à cama de seu pai e violou o meu leito contra mim.[Rúben havia tido relações sexuais com Bala uma das concubinas de Israel]*

***Simeão e Levi** são irmãos. Suas espadas são instrumentos de violência. Não quero assistir a seus conselhos, não participarei de sua assembléia, pois na sua cólera mataram homens, e em seu capricho mutilaram touros.[Simeão e Levi haviam atacado e passado a fio de espada todos os homens de uma cidade, além de destruí-la e pilhá-la, pois sua irmã havia sido desonrada pelo príncipe da cidade] Maldita seja a cólera deles por seu rigor, maldito seu furor por sua dureza. Eu os dividirei em Jacó e os dispersarei em Israel.*

Judá, seus irmãos o louvarão.** Você colocará a mão sobre a nuca de seus inimigos, e diante de você **se prostrarão** os filhos de seu pai. Judá é um leãozinho. Você voltou da caçada, meu filho; agacha-se e deita-se como leão e como leoa: **quem se atreve a desafiar-lo? O cetro não se afastará de Judá, nem

o bastão de comando do meio de seus pés, até que o tributo lhe seja trazido e os povos lhe obedeam. Ele amarra a seu jumentinho junto à vinha, e o filhote de jumenta perto da videira; lava sua roupa no vinho e seu manto no sangue das uvas. Seus olhos são mais escuros do que o vinho, e seus dentes mais brancos que o leite.

Zabulon reside à beira-mar: é um porto para os barcos, e sua fronteira chegará até Sidônia.

Issacar é um jumento robusto, deitado entre dois muros. Ele viu que o estábulo era bom e que a terra era agradável: baixou o ombro sob a carga e sujeitou-se ao trabalho escravo.

Dã julga seu povo e também as outras tribos de Israel. Dã é uma serpente no caminho, uma víbora no atalho: morde o cavalo nos calcanhares, e o cavaleiro cai para trás.

Em tua salvação eu espero, Javé!

Gad, os guerrilheiros o atacam, e ele os atacará pelas costas.

Aser, seu pão é abundante e fornece delícias de reis.

Neftali é gazela solta que tem crias formosas.

José é potro selvagem, potro junto à fonte, burros selvagens, junto ao muro. Os arqueiros os irritam, desafiam e atacam. Mas o seu arco fica intacto e seus braços se movem velozes, pelas mãos do Poderoso de Jacó, do Pastor e Pedra de Israel, pelo Deus de seu pai que o socorre, pelo Todo-poderoso que o abençoa: as bênçãos que descem do céu e as bênçãos do oceano em baixo, bênçãos das mamas e dos seios. As bênçãos de seu pai são superiores às bênçãos dos montes antigos e às atrações das colinas eternas. Que elas venham sobre a cabeça de José, sobre a fronte do consagrado entre os irmãos.

Benjamim é um lobo voraz: de manhã devora a presa, e à tarde reparte os despojos.

Todos esses formam as doze tribos de Israel. E tudo isso foi o que disse o pai deles ao abençoá-los; abençoou cada um com a bênção que convinha.”
47*

⁴⁷ Gênesis cap.49 vers. 1-28. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

* Comentários entre colchetes e destaques em negrito são meus.

“O cetro não se afastará de Judá, nem o bastão de comando do meio de seus pés, até que o tributo lhe seja trazido e os povos lhe obedeam.” Fica difícil comentar ou debater evidências. A bênção que convinha a Judá coloca em suas mãos o bastão do comando, o cetro do poder. A tribo de Judá é exatamente a que, na seqüência da história deste povo, exercerá maior influência e poder no governo do maior líder dos judeus: o rei Davi.

Davi é quem consegue submeter todas as tribos a seu comando, inaugurando um período de estabilidade para os judeus. Ele é o elo que antecede Cristo. Segundo os judeus o “filho de Davi” deveria ser o Cristo. Porém o Estado Judeu, e o judaísmo já estavam formados e já haviam se corrompido, quando Davi, surge como líder e inaugura a quinta geração dos descendentes de Abraão.

~~cumprimento da promessa — o êxodo e o líder “gago” — moisés~~

Precisamos antes, conhecer a quarta geração de seus ancestrais, seus feitos e contribuições para a história hebraica. Afinal, foi a quarta geração responsável por libertar os hebreus do Egito e por anunciar os dez mandamentos. Dois fatos de extrema importância para a compreensão deste trabalho.

O quarto líder judeu, descendente de Abraão é Moisés, tataraneto de Jacó, bisneto de Levi, neto de Caat, filho de Amram e Jocabed, irmão de Aarão e de Maria.

A quarta geração, sobre a qual tinha falado Javé à Abraão e que iria liderar seu povo na fuga do Egito, não é bem a quarta geração e, sim, a sétima. Mas é compreensível e relevante a compreendermos como “a quarta”, levando em consideração o estilo literário e visto que as demais gerações, que antecedem a Moisés, são citadas apenas em função deste, pois em nada contribuíram ou influenciaram na vida dos hebreus, ao menos que tenha tido relevância para passar adiante e ser registrado na história deste povo, narrada na bíblia.

No livro Êxodo, encontramos, através da história do líder Moisés que vai libertar o “povo de Israel” do exílio no Egito, o aparecimento do Estado Hebreu. As leis provindas diretamente de Javé, que as escreve em tábuas de pedras sagradas, como diz a bíblia, são estabelecidas juntamente com um código de conduta, ética e moral, apresentados por Moisés, sendo o mesmo portador das placas que continham as leis e das palavras de Javé.

Se Abraão, Isaac e Jacó foram responsáveis por abraçar o monoteísmo como característica fundante de um povo, divulgar defender e fazer prosperar esta idéia, no mundo antigo. Moisés foi o responsável pelo estabelecimento desta idéias, pois foi o primeiro a determinar, através da imposição persuasiva, um código de leis, ética e moral, além de distinguir funções entre o povo e principalmente dentro da religião. Moisés fundou o judaísmo, como religião e sistema de governo.

O modelo judaico de ritual religioso evidentemente sofreu modificações, mas é base de todos os cultos cristãos ainda hoje. É fundamentado nos mitos hebraicos, que o catolicismo justificou na Idade Média e justifica seu luxo ainda hoje. Mais do que isso, o modelo político estabelecido por Moisés não difere mais do nosso modelo de Estado, de República, do que o modelo grego ou romano.

Buscando dinamizar a leitura, certo de que a fonte onde se fundamentam os meus comentários é acessível à grande maioria dos que se interessam por este tema, reduzirei as reproduções de trechos bíblicos apenas aos que evidenciam minhas problemáticas, assumindo afirmativas que à primeira vista podem parecer infundadas, mas que serão, portanto, indicadas em nota.

Atereime às relações que estabeleço entre os textos necessários, que indicam a consolidação do povo, da identidade hebreu-judaica, o aparecimento dos mitos e a influência deles no povo.

Durante um longo período, os hebreus que haviam migrado para o Egito, num período de fome e lá se estabeleceram, viveram cordialmente comercializando com os egípcios. A bíblia identifica este período como sendo o tempo em que José, filho de

Jacó, administrou o Egito e pelas gerações que o seguiram até subir ao trono um faraó que não conheceu José. Este tempo equivaleu a quatro gerações de Jacó, onde então a relação entre hebreus e egípcios se tornou hostil, sendo o primeiro escravizado pelo segundo.⁴⁸

O motivo que a bíblia aponta como sendo o causador da discórdia entre estes dois povos é possivelmente um motivo verídico, ou melhor, é um motivo coerente com o que se conhece do momento histórico, em que ocorre o conflito.

*“Subiu ao trono do Egito um novo rei que não tinha conhecido José. Ele disse ao seu povo: “Vejam! O povo dos filhos de Israel[as doze tribos de Israel, representada, pelos doze filhos de Jacó, ou Israel, como Javé o denominou]está se tornando **mais numeroso e poderoso do que nós. Vamos vencê-los com astúcia, para impedir que eles se multipliquem**; do contrário, em caso de guerra, eles se aliarão com o inimigo, nos atacarão e depois sairão do país.” Então **impuseram** sobre Israel capatazes, que os exploravam em **trabalhos forçados**.”⁴⁹**

O povo judeu fazia cumprir a promessa de Javé, tornaram-se fecundos e se multiplicaram. Entre as doze tribos, todas eram monoteístas. Dizer que as doze tribos se multiplicaram, é afirmar que o povo monoteísta cresceu demograficamente em números exponenciais. Os hebreus quando saíram do Egito, “eram seiscentos mil homens a pé, sem contar as crianças”⁵⁰, mais escravos e estrangeiros entre eles, fora os hebreus circuncisos, descendentes de Abraão que se espalharam e se estabeleceram por Canaã, antes de Jacó subir ao Egito, a exemplo de Esaú, irmão de Jacó.

Enfim, os hebreus, quando saíram do Egito 1250 a.C.⁵¹, eram uma ameaça a qualquer outra cultura da antiguidade, principalmente por que, além de buscarem um território para estabelecer, impor e ampliar a sua cultura, pregavam contra a existência das demais. Eliminar o politeísmo passa a ser uma das exigências de Javé, depois que os hebreus deixaram o Egito.

⁴⁸ Ver: Êxodo. cap.1 vers. 1-14. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral*.

⁴⁹ Êxodo. cap.1 vers. 8-10. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral*.

* Comentários entre colchetes e destaques em negrito são meus.

⁵⁰ Êxodo. cap.12 vers. 37-38. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral*.

⁵¹ Ver: Êxodo. Introdução. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral*.

O faraó egípcio, além de escravizá-los, não hesitou em estabelecer um controle de natalidade rigoroso, mandando que assassinassem todos os filhos homens dos hebreus.⁵² Moisés teria sido um desses garotos, condenado a morte ainda antes da sua existência, porém teria sido salvo e criado pela filha do faraó, o que lhe deu prestígio e respeito entre a “corte” egípcia. Respeito suficiente para negociar a libertação, ou fuga, do seu povo, sem ser sumariamente morto a mando do faraó, por tentativa de subversão, prática comum do poder daquela e “desta época”, que consiste em eliminar os possíveis focos de rebelião popular.

Porém, Moisés ainda moço renegou o poder e a criação egípcia, para defender os interesses do seu povo, tomando as dores dos escravos e se rebelando contra os egípcios. Mostrou-se, ainda, sempre justo e humilde. Nunca aceitava o poder que Javé, lhe atribuía, sem antes refutar e não se impunha pela voz. Acredita-se até que Moisés teria sido gago, mas indiferente do fato de não dominar a oratória, de não ser um orador hábil que convencesse multidões, como era necessário, em tempo Javé teria dado o dom da fala a seu irmão Aarão.

Sendo um dos ungidos por Javé, Moisés seguia à risca todos os rituais e alianças que seus ancestrais haviam firmado com Javé. Para receber as bênçãos e para que o povo que liderava prosperasse, ele precisa fazer cumprir todas as cláusulas constantes da aliança com Javé. O próprio deus exigia exclusividade, com o direito de um “Deus Libertador” que os havia tirado do Egito. Ou seja, a reafirmação constante do monoteísmo. Javé se dizia um “Deus Ciumento”, característica, ou melhor, uma fraqueza humana remetida a Deus, que legitima a tão repetida paráfrase: “E o homem criou Deus à sua imagem e semelhança.” Convenhamos, ciúmes não chega ser uma virtude nem mesmo para mortais, imagine para deuses!

A existência de um Deus ciumento me permite pressupor, de imediato, três situações: a primeira foi esta já exposta, os hebreus criaram um deus que prevalece à nossa imagem e semelhança, pois ele possui virtudes, o que é aceitável, e fraquezas humanas, o que seria contraditório com a idéia de um Deus, onipotente, onipresente e onisciente.

⁵² Ver: Êxodo. cap.1 vers. 15-22. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral*.

Basta uma releitura atenta e podemos perceber que o raciocínio indica, dentro do contexto, que Moisés precisa passar a imagem de um Deus ciumento, para garantir a resistência do monoteísmo no meio de um povo rodeado por culturas politeístas. De forma alguma é um questionamento sobre a existência de Deus, mas uma indagação sobre a imagem que se construiu dele de acordo com as nossas necessidades.

Segunda situação, se um deus é ciumento em relação a outros, então, obviamente, ele assume a existência de outros. Novamente isto não significa dizer que o autor defende a existência de outros deuses, mas proponho que na antiguidade, acreditar em diversos deuses era comum, indiferente da real existência deles ou não. Assim, para os hebreus e principalmente os que se uniam a eles, outros deuses existiam e o próprio Javé assume isto nas falas que atribuem a ele. Mais uma vez acredito que era uma forma de se fortalecer o monoteísmo.

Terceira situação: um deus ciumento pode e tem outras características, também oriundas da paixão humana, como vingança – daí a expressão “Deus Vingador” – arrependimento, amor, ira – que consta como um dos pecados capitais – enfim, diversas características humanas distintas e necessárias para a sobrevivência do povo hebreu estão inseridas na idéia de deus que eles transmitem aos seus descendentes através dos textos bíblicos. A idéia de Deus vitorioso, que reina no inconsciente ou imaginário coletivo, a idéia de deus do mundo ocidental cristão, inconsciente de suas origens, de seus mitos fundantes, alienada de si mesma.

É tão gritante a humanização de deus, por assim dizer, que Moisés transmite ao povo de Israel um plano traçado por Javé, para além de retirar seu povo do Egito, garantir-lhe mais riquezas, ouro e prata, castigando o Egito e despojando-os.

O que aparece como ordens e afirmativas de Javé são muito mais coerentes com a necessidade dos líderes de controlar e encaminhar um povo a um determinado objetivo, do que com a imagem que se cristalizou de Deus. Acredito, portanto, fundamentado em tamanha coerência entre a demanda do povo e as falas que Javé dirigia aos profetas, que a veracidade destas está exatamente na fé que o povo devotava

a Javé e aos seus profetas. Notadamente, sendo uma vontade divina ou do profeta, a ordem e a obediência dela funcionava e gerava frutos visíveis para os hebreus.

Foram as determinações que Javé direciona ao povo de Israel, através de Moisés, que garantiram a unidade necessária para este povo prosperar e se consolidar. Começou pela acumulação, desde os tempos de Abraão, Issac e Jacó e que se repete com Moisés.

*“Os filhos de Israel fizeram também o que **Moisés havia mandado: pediram aos egípcios objetos de prata e ouro e também roupas. Javé fez com que eles ganhassem a simpatia dos egípcios, que lhes deram tudo o que estavam pedindo. E assim ele despojaram os egípcios.**”⁵³**

A ordem de Javé, dada a Moisés e retransmitida ao povo, que obedeceu e recebeu a intervenção de Javé, tornou os egípcios receptivos e funcionou perfeitamente. Assim, Moisés conseguiu ampliar os bens de seu povo.

Nada que o povo de Israel conseguiu durante a sua história está isento da fé em Javé, que sempre intercedeu por eles, através de um profeta ungido. A existência de uma liderança era fundamental para os hebreus e esta era reconhecida nos messias, profetas ungidos por Javé.

Funcionou! Como pode a ciência querer esvaziar toda a fundamentação de um povo submetendo seus mitos a métodos apenas racionais?

A páscoa é um ritual ainda praticado, adaptado e quase sem significado político hoje. Porém é repleto de simbolismos; não teria sido mais um acaso Jesus ter escolhido a páscoa para entrar em Jerusalém e sim uma mensagem direta para o império romano e o alto clero judaico. O Ato é quase uma dramatização cenográfica da libertação do povo de Israel da escravidão no Egito e a história é testemunha que não agradou muito nem

⁵³ Êxodo. cap.3, vers. 22. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

* Destaques em negrito meus.

aos romanos e muito menos ao alto clero judaico. Retomemos a história hebraica e a fundamentação religiosa-ideológica de Jesus.

A páscoa é uma festa imposta por Javé como sacrifício, em honra ao dia que o povo de Israel foi libertado do Egito⁵⁴. Sob o castigo fatal, imposto por Javé a todos os primogênitos machos do Egito, entre homens e animais, enquanto nenhum animal ou homem hebreu foi atingido. Por causa disto, o faraó expulsou os hebreus do Egito, na mesma noite.

O ritual festivo imposto era mais uma forma de reafirmar a fidelidade a Javé, o Deus Único, e assim conservar o monoteísmo, do que propriamente uma festa. A preparação do ritual começava no dia dez do mês de abril, com a separação do animal a ser imolado, no dia quatorze do mesmo mês e assado inteiro, “com cabeça, pernas e vísceras”. Para consagrar o sacrifício, o sangue do animal era colocado numa bacia e depois passado nos batentes e travessas da porta, como sinal a Javé de que dentro da casa morava uma família judia. Assim Javé lhes conservava a vida, matando o primogênito de todos os outros que não cumprissem o ritual. Os animais selecionados dentro de cada família só seriam comidos no dia quatorze e acompanhados apenas com pão sem fermento. A partir daí, até o dia vinte e um do mês de Abib, como se encontra na bíblia, passaria a ser um produto consagrado a Javé, em sacrifício ao dia quatorze, quando o povo de Israel foi liberto.

Ora, um ritual tão complexo, em que se comemora um massacre de um povo opressor em benefício de um outro oprimido não pode ser ignorado, quando se busca entender a ideologia majoritariamente encontrada no imaginário coletivo ocidental.

Quando academicistas e racionalistas querem compreender a identidade do ocidente, não refutam nem em hipótese a Revolução Francesa como influência para o modelo reinante, mas ignoram quando o mesmo fato é narrado através de mitos, simplesmente por que são seguidores de outra religião: a ciência ocidental.

⁵⁴ Ver: Êxodo. cap.12 –13. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral*.

A influência do mito hebraico como um mito libertador ainda é presente na sociedade ocidental e em todo o mundo se celebra a páscoa. E a Marselhesa⁵⁵, por acaso, é entoada fora da França por cidadãos não franceses de todo o globo? Se sim, a repercussão é ínfima perto da visibilidade e tempo que a mídia dispõe para o ritual da páscoa.

Tentando me ater aos mitos e ritual pascoal e às relações destes com o próprio povo hebreu, sou levado a sustentar que, historicamente, os mitos pascoais podem ser compreendidos como um marco, símbolo definitivo que delimita a formação do povo hebreu e da religião judaísmo, como pressuposto anteriormente. Através do “Sacrifício da Páscoa de Javé”, os cristãos relembram a libertação de um povo que até então era “nômade”, pois ainda não tinha se configurado como povo, e selam nova aliança com Javé. Ou seja, celebram a fundação de um povo, que antes era apenas desejo e promessa, e reafirmam o monoteísmo judaico, como religião deste novo povo, mais do que nunca necessitado de um território.

Este para mim é o significado do ritual, da festa imposta como sacrifício e aliança por Javé a Moisés e que segundo o ele mesmo deveria ser passado e observado perpetuamente a todas as gerações dos filhos de Israel. Não questiono a origem ou significado sacro, mas saliento a legitimidade desta festa que remetia ao monoteísmo, ao festejar e consagrar um deus que libertou um povo da escravidão e agora lhe daria a terra prometida, onde corria leite e mel.

O líder Moisés, tendo passado a todo o povo o ritual exigido de Javé, garantia a perpetuação da religião monoteísta e a fidelidade a Javé e ligava esta aliança a um fato histórico importante e glorioso para os hebreus. Talvez tenha sido a melhor estratégia de marketing da antiguidade: relacionar uma ideologia a um ritual festivo, um caminho curto para o imaginário coletivo.

⁵⁵ Marselhesa (ê). [Do fr. Marseillaise.] S. f. Bot. 1. O hino nacional francês, com letra e música de Rouget de Lisle (1760-1836), capitão do exército francês, e que foi composto por ocasião da declaração de guerra da França à Áustria, em 1792. In: Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI Versão 3.0 – Novembro de 1999.

É por tal razão que afirmo que Moisés foi o primeiro governante do povo hebreu, pois fundamentou toda religião e costume hebreu-judeu em leis e rituais perpétuos.

*“Javé disse a Moisés e Aarão na terra do Egito: **“Este mês será para vocês o principal, o primeiro mês do ano. Falem assim a toda a assembléia de Israel: No dia dez deste mês, cada família tome um animal, um animal para casa. Se a família for pequena para um animal, então ela se juntará com o vizinho mais próximo de sua casa. O animal será escolhido conforme o número de pessoas e conforme cada uma puder comer. O animal deve ser macho, sem defeito, e de um ano. Vocês o escolherão entre os cordeiros ou entre os cabritos, e o guardarão até o dia catorze deste mês, quanto toda a assembléia de Israel o imolará ao entardecer. Pegarão o sangue e o passarão sobre os dois batentes e sobre a travessa da porta, nas casas onde comerem o animal. Nessa noite, comeram a carne assada no fogo e acompanhada de pão sem fermento com ervas amargas. Vocês não comerão a carne crua nem cozida na água, mas assada no fogo: inteiro, com cabeça, pernas e vísceras. Não deixarão restos para o dia seguinte; se sobrar alguma coisa, devem queimá-la no fogo.***

Vocês devem comê-lo assim: com cintos na cintura, sandálias nos pés e cajado na mão; vocês o comerão às pressas, porque é páscoa de Javé. Nessa noite, eu passarei pela terra do Egito, matarei todos os primogênitos egípcios, desde os homens até os animais. E farei justiça contra todos os deuses do Egito. Eu sou Javé. O sangue nas casas será um sinal de que vocês estão dentro delas: ao ver o sangue, eu passarei adiante. E o flagelo destruidor não atingirá vocês, quando eu ferir o Egito. Esse dia será para vocês um memorial, pois nele celebrarão como um rito permanente, de geração em geração”.^{56*}

Este trecho foi escolhido e reproduzido por inteiro, pois foi a primeira vez que Javé falou sobre a páscoa a Moisés e relata especificamente como deveria ser o ritual. Podemos perceber que, após relatar o ritual propriamente dito, Javé finaliza dando caráter memorial e perpetua à páscoa.

Uma passagem intrigante, que se relaciona bastante com a imagem de Moisés e com a de Jesus, [*Vocês devem comê-lo assim: com cintos na cintura, sandálias nos pés e cajado na mão; vocês o comerão às pressas*] pode pressupor, uma mensagem de humildade, de abandono material ou pobreza, mas pouca coerência teria com o contexto histórico. Afinal, sandálias, cintos e cajados era um vestuário comum na época. Uma possibilidade é partir do fato que era a última noite dos hebreus no Egito, pois Javé iria

⁵⁶ Êxodo. cap.12 vers. 1-14. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

* Destaques em negrito meus.

ferir de morte os primogênitos dos egípcios. Portanto, os hebreus deveriam estar prontos para uma fuga, como de fato aconteceu.

“Os egípcios pressionavam o povo para que saísse depressa do país, pois tinham medo que morressem todos.”⁵⁷*

Tendo Javé antecedido à atitude dos egípcios e preparado seu povo para a fuga, através do ritual que ordenava que fosse cumprido durante a ceia. É possível estabelecer uma relação entre o ritual de não comer carne e nem alimentos fermentados até o dia vinte e um de Abib, como uma estratégia de poupar alimentos para a fuga pelo deserto. Apesar de ser uma relação possível, no momento não é interessante, pois não é o tipo de historicidade que procuro evidenciar, agora, amparada apenas em fatos históricos, mas uma historicidade crítica que permite incluir nas pesquisas e análises históricas, os mitos como fundamento influente de todas as esferas do conhecimento e prática humana.

~~páscoa ritual e poder~~

Os próximos trechos são passagens onde se pretende, através da páscoa, reafirmar as cláusulas da aliança e fazer a defesa do monoteísmo judaico.

“Durante sete dias, vocês comerão pães sem fermento. No primeiro dia vocês tirarão o fermento de dentro de casa, e **será excluída de Israel qualquer pessoa que comer algo fermentado, desde o primeiro dia até o sétimo”.**⁵⁸*

Observe que quem não cumprisse os rituais era punido severamente, pois representava uma ameaça à autoridade e aliança firmada com Javé, ou, historicamente falando, uma ameaça à nova religião.

⁵⁷ Êxodo. cap.12, vers. 33. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

⁵⁸ Êxodo. cap.12, vers. 15. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

* Destaques em negrito meus.

(...) “Ninguém de vocês saia de casa antes de amanhecer o dia seguinte[quinze de Abril], porque **Javé passará para ferir os egípcios. E quando notar o sangue sobre a travessa da porta e sobre os dois batentes, ele passará adiante dessa porta e não deixará que o exterminador entre em suas casas para ferir vocês. Observem este preceito, como decreto perpétuo, para vocês e para seus filhos. Quando vocês tiverem entrado na terra que Javé lhes dará, conforme ele disse, vocês observarão esse rito. Quando seus filhos perguntarem: ‘Que rito é este?’ vocês responderão: ‘É o sacrifício da Páscoa de Javé’**”.^{59*}

“Javé disse a Moisés e Aarão: “Assim será ritual da Páscoa: **nenhum estrangeiro comerá dela. (...) Quem estiver de passagem e os mercenários não comerão dela. Cada cordeiro deverá ser comido dentro de uma casa; e nenhum pedaço de carne deverá ser levado para fora; e dele não se deverá quebrar nenhum osso. (...) Se algum imigrante que mora com você quiser celebrar a Páscoa de Javé, todos os homens de sua casa deverão ser circuncidados; então, ele poderá celebrá-la e será como um nativo do país. Por isso, nenhum incircunciso poderá comer dela**”^{60*}

“**Hoje é o mês de Abib, e vocês estão saindo. Quando Javé tiver introduzido você na terra dos cananeus, heteus, amorreus, heveus, e jebuseus, terra que ele jurou aos antepassados que iria dar a você, uma terra onde corre leite e mel, então neste mês você celebrará o seguinte rito: comerá pães sem fermento durante sete dias, e no sétimo dia haverá uma festa para Javé. (...) Isso servirá como sinal no braço e faixa na frente, para que esteja em sua boca a lei de Javé, que o tirou do Egito com mão forte. Você observará essa lei todos os anos, na data marcada. (...) Amanhã, quando seu filho lhe perguntar: ‘Que significa isso?’ você lhe responderá: ‘Com mão forte Javé nos tirou do Egito, da casa da servidão. O faraó se obstinou e não queria deixar-nos partir; por isso, Javé matou todos os primogênitos do Egito, desde o primogênito do homem até o primogênito dos animais. É por isso que eu sacrifiquei a Javé todo primogênito macho dos animais e resgato todo primogênito de meus filhos.**”^{61*}

Acredito que está mais do que evidente a contribuição e influência que a páscoa exerceu sobre os hebreus. A unidade do povo hebreu estava garantida, enquanto o ritual da páscoa fosse respeitado.

Moisés, porém, tinha um desafio maior: introjetar no inconsciente popular de uma sociedade recém formada, ainda sob influência e constantemente ameaçada da cultura politeísta, os preceitos de uma nova religião. E para tal, em nome de Javé, Moisés apresenta um código que dá força de lei aos costumes, mitos e rituais hebreus.

⁵⁹ Êxodo. cap.12, vers. 22-27. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

⁶⁰ Êxodo. cap.12 vers. 43-48 in *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

⁶¹ Êxodo. cap.13 vers. 4-15 in *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

* Comentários entre colchetes e destaques em negrito são meus.

A unidade do povo era constantemente ameaçada, impulsionada pelas dificuldades com as quais os mais 600.000 homens enfrentavam no deserto, e mais do que rápido Javé respondia e Moisés apresentava uma solução seguida de uma radicalização das leis. Durante todo o período que eles permanecem caminhando no deserto, segundo a bíblia, 40 anos, o povo sofre recaídas, questionando o poder do Deus único diante das necessidades, dificuldades que iam aparecendo no caminho de volta à “terra prometida”.

Nesta “oportunidade”, Moisés vai organizando, educando, doutrinando o povo através da demonstração persuasiva do poder de Javé e de estabelecimentos de códigos de conduta e leis que faziam cumprir a vontade “divina”.

Portanto, é um período complexo, longo e fundamental, pois é a legitimação, fundamentação e fundação do próprio povo hebreu e da primeira religião monoteísta, o judaísmo. Mesmo correndo risco de reescrever quase todo o final do livro do Êxodo, não posso abrir mão destes trechos, e submetê-los a uma análise histórico-crítica, sem a certeza da acessibilidade de quem pretende acompanhar o estudo. Além disso, localizar trechos na bíblia não é uma atividade das mais agradáveis, segundo o senso-comum, e reproduzi-los aqui tornou-se uma estratégia, cansativa mas eficiente, de evitar a concorrência direta com a leitura da bíblia.

Na verdade, espero realmente que este trabalho sirva de incentivo à leitura da bíblia, inserida no contexto histórico. Se não, ao menos terei a certeza de ter disponibilizado os trechos que no momento acreditei serem os mais condizentes e coerentes com o intuito real deste trabalho: propor uma nova perspectiva da história dos hebreus e fundamentar a origem dos mitos, que sustentam a ideologia que influencia a grande maioria da sociedade ocidental.

Enfim, longos trechos bíblicos prosseguem demonstrando a consolidação do povo ou do Estado hebreu e da religião judaica.

*“O povo murmurou contra Moisés, dizendo: “O que vamos beber?
[Eles estavam no deserto de Sur e após três dias de caminhada haviam encontrado em Mara uma água “amarga”] Moisés clamou a Javé, e Javé lhe*

mostrou um tipo de planta. Então Moisés atirou-a na água, e a água se tornou doce.

Foi aí que Moisés estabeleceu um estatuto e um direito para o povo, colocando-se à prova [Moisés busca logo atender a solicitação e ameaça, buscando se impor] e dizendo: “Se você obedecer a Javé seu Deus, praticando o que ele aprova, ouvindo seus mandamentos e observando todas as suas leis, eu não mandarei sobre você nenhuma das enfermidades que mandei sobre os egípcios. Pois eu sou Javé, aquele que cura você.”⁶² *

“Toda a comunidade de Israel murmurou contra Moisés e Aarão no deserto, dizendo: “Era melhor termos sido mortos pela mão de Javé na terra do Egito, onde estávamos sentados junto à panela de carne, comendo pão com fatura. Vocês nos trouxeram a este deserto para fazer toda esta multidão morrer de fome!”

Javé disse a Moisés: **“Farei chover pão do céu para vocês: o povo sairá para recolher a porção de cada dia, para que eu o experimente e veja se ele observa a minha lei, ou não. (...) [Mesmo Javé sabia que a fé do seu povo era fraca e a experimentava.]**

Então Moisés e Aarão disseram a toda a comunidade de Israel: “À tarde vocês saberão que foi Javé quem os tirou do Egito. E, pela manhã, vocês verão a glória de Javé, porque Javé ouviu as murmurações que vocês fizeram contra ele. Quem somos nós, para vocês murmurarem contra nós?” (...) Quem somos nós? As murmurações de vocês não são contra nós, e sim contra Javé”.

Javé falou a Moisés: **“Eu escutei as murmurações dos filhos de Israel. Diga-lhes que comerão carne à tarde e, pela manhã, se fartarão de pão. Assim ficarão sabendo que eu sou Javé seu Deus”.**

“À tarde, um bando de codornizes cobriu todo o acampamento e, pela manhã, havia uma camada de orvalho ao redor do acampamento. Quando a camada de orvalho se evaporou, na superfície do deserto apareceram pequenos flocos, como cristais de gelo. Ao verem, os filhos de Israel perguntaram: “Que é isso?” Porque não sabiam o que era. Moisés disse-lhes: “Isso é o pão que Javé lhes dá para comer. E são estas as ordens de Javé: Cada um recolha o quanto lhe basta para comer: quatro litros e meio por pessoa, conforme o número de pessoas que se acham na sua tenda. (...)

Moisés então lhes disse: “Ninguém guarde para a manhã seguinte”. Mas eles não deram ouvidos a Moisés, e alguns o guardaram para o dia seguinte. Porém, criou vermes e apodreceu. Por isso, Moisés ficou indignado contra eles. (...) No sexto dia recolhiam o dobro: nove litros para cada um. E todos os chefes da comunidade informaram a Moisés. E Moisés falou: “É exatamente isso que Javé ordenou: amanhã é sábado, um descanso completo

⁶² Êxodo. cap.15, vers. 24-26. In: Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.

* Comentários entre colchetes e destaques em negrito são meus.

*reservado a Javé. (...) Eles fizeram a reserva até o dia seguinte, conforme Moisés tinha ordenado. E dessa vez não apodreceu nem criou vermes. Então Moisés disse: “Comam hoje, porque hoje é um sábado de Javé. Hoje vocês não encontrarão alimento no campo. **Recolham durante seis dias, pois no sétimo, que é sábado, não o encontrarão**”. No sétimo dia, alguns do povo saíram para o recolher, mas não encontraram nada. Javé disse a Moisés: “**Até quando vocês se negarão a observar meus mandamentos e leis?**”[evidencia a relutância do povo em aceitar facilmente o monoteísmo] **É Javé quem lhes dá o sábado, e é por isso que ele, no sexto dia, lhes dará pão para dois dias. Cada um fique onde está. Ninguém saia do seu lugar no sétimo dia**”. (...)*

*Moisés disse: “**Esta é a ordem de Javé: conservem quatro litros e meio para que as gerações futuras possam ver o pão com que eu os alimentei no deserto, quando os tirei do Egito.**”⁶³*[a preocupação em transmitir a história para gerações futuras é constante]*

*“Então o povo discutiu com Moisés, dizendo: “Dê-nos água para beber”. Moisés respondeu: “Por que vocês discutem comigo e colocam Javé à prova?” Mas o povo tinha sede e murmurou contra Moisés, dizendo: “**Por que você nos tirou do Egito? Foi para matar de sede a nós, nosso filhos e nossos animais?**” Então Moisés clamou a Javé, dizendo: “**O que vou fazer com esse povo? Estão quase me apedrejando!**” Javé respondeu a Moisés: “**Passe à frente do povo e tome com você alguns anciãos de Israel; leve com você vara com que feriu o rio Nilo; e caminhe. Eu vou esperar você junto à rocha de Horeb. Você baterá na rocha, e dela sairá água para o povo beber**”. Moisés assim fez na presença dos anciãos de Israel, e deu a esse lugar o nome de Massa e Meriba, por causada discussão dos filhos de Israel e **porque puseram Javé à prova, dizendo: “Javé está no meio de nós, ou não?**”⁶⁴**

Um povo sempre murmura quando suas necessidades não são atendidas – apesar do aparente mudez da sociedade brasileira – enfim, o povo hebreu murmurou bastante e colocou à prova o próprio poder de Javé, seu novo Deus, que exigia fidelidade.

Atender à necessidade do povo é fundamental para que um deus gozasse de crédito na antiguidade. Aliás, esta é a função dos deuses: atender às necessidades do povo e guiá-lo a um mundo melhor, um paraíso espiritual ou não, mas onde os homens vivam em paz.

⁶³ Êxodo. cap.16. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral*.

⁶⁴ Êxodo. cap.17, vers. 2-7. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral*.

* Comentários entre colchetes e destaques em negrito são meus.

Moisés clama no auge do seu desespero: [*“O que vou fazer com esse povo? Estão quase me apedrejando!”*] O povo não pedia água, exigia. Moisés sabia que a unidade do povo estava ameaçada, a fé monoteísta estava sendo questionada e a única forma de fazê-la vitoriosa era que ela desse conta de solucionar ou ajudar o povo a solucionar seu problemas.

Sempre que Moisés clama a Javé uma solução para o povo, ela vem sempre acompanhada de orações afirmativas da unicidade e poder do deus, que os havia libertado do Egito. Assim, como os murmúrios são sempre ditos em forma de chantagem do povo, arrependimento de ter saído do Egito, para seguir o “Povo de Deus” e ir para a “Terra Prometida”, Israel. Enfim, os trechos demonstram como Moisés sofreu diversos questionamentos, enfrentamento do povo, que muitas vezes refutava o projeto de um novo povo e um novo deus. Ainda que direcionadas ao líder hebreu, homem comum, ele próprio afirmava: [*As murmurações de vocês não são contra nós, e sim contra Javé*] [*“Por que vocês discutem comigo e colocam Javé à prova?”*] Moisés sabia, que se ele fracasse como líder do povo, fracassava junto o monoteísmo, pois diversos seguidores, voltariam a cultuar outros deuses, que afinal, não havia muito tempo que os tinham abandonado, alguns por certo talvez nem os tivessem.

Moisés, ao fazer cumprir as promessas de Javé e solucionar os problemas e necessidades do povo, vai fortalecendo a crença e fortificando o monoteísmo judaico.

Mais um indício de que o povo hebreu ainda não estava certo de sua crença e ainda não reconhecia um poder forte o suficiente para guiá-los é a própria indignação e insatisfação de Javé com a quantidade de murmúrios e o pouco respeito que o povo liberto prestava às suas normas e leis. [*“Até quando vocês se negarão a observar meus mandamentos e leis?”*]

Possivelmente, por sua onisciência e onipotência, Javé sabia que aquele povo ainda não estava preparado para abandonar sua crença politeísta, para dedicar sua fé em um único deus que não demonstrasse maior poder do que todos os outros juntos. Javé e Moisés se desdobram para atender a todos os anseios do povo e implementar como lei a nova ordem a ser seguida e respeitada.

A partir do momento que as necessidades do povo vão sendo atendidas, as leis de Javé vão se impondo e o povo se submetendo a elas. Mais do que resolver os problemas do povo, Javé demonstrava e usava seu poder para persuadir os hebreus, ou melhor, causar o temor divino. Quanto mais o povo questiona o poder de Javé através de Moisés, mais as aparições de Javé se tornam fantásticas, sobrenaturais. O que antes se revelava em sonhos aos ungidos, agora era revelado a Moisés, através de nuvens, raios, trovões e plantas. Estes fenômenos legitimam o poder de Javé diante de um povo até então politeísta e os submetem às leis impostas pelo novo Deus poderoso e presente, pois se mostra, através de seus prodígios e leis escritas. Afinal esta era a única forma de responder ao povo de Israel: [“Javé está no meio de nós, ou não”?]

Então, responsabilizar Moisés por consolidar o monoteísmo e o Estado judeu, significa acreditar que este o fez não para cumprir as leis e desejos de Javé e persuadir o povo, mas como única forma de assegurar a unidade dos hebreus, hierarquizando-os, organizando-os em torno de códigos de comportamento religioso e social.

“ Tentativa de organização - No dia seguinte, Moisés sentou-se para resolver os assuntos do povo. Ora, o povo procurava por ele desde o amanhecer até à noite. O sogro de Moisés viu tudo o que este fazia pelo povo, e lhe disse; “O que é que você está fazendo como o povo? Por que está sentado sozinho, enquanto todo o povo o procura de manhã até a noite?” Moisés respondeu ao sogro: “O povo me procura para que eu consulte a Deus. Quando eles têm alguma questão para resolver, me procuram para que eu a resolva e para que eu explique os estatutos e as leis de Deus”. O sogro de Moisés replicou: “Mas o que você está fazendo não está certo. Você está matando, tanto a si mesmo como ao povo que o acompanha. É uma tarefa muito pesada, e você não pode fazê-la sozinho. Aceite meu conselho, para que Deus esteja com você: represente o povo diante de Deus e apresente junto de Deus as causas dele. Ensine a eles os estatutos e as leis; faça que eles conheçam o caminho a seguir e as ações que devem praticar. Escolha entre o povo homens capazes e tementes a Deus, que sejam seguros e inimigos do suborno: estabeleça-os como chefes de mil, de cem, de cinquenta e de dez. Eles administrarão regularmente a justiça para o povo: os assuntos graves, eles trarão a você; os assuntos simples, eles próprios resolverão. Desse modo, vocês repartirão a tarefa, e você poderá realizar a sua parte. Se você fizer assim e Deus lhe der as instruções, você poderá suportar a tarefa, e o povo voltará para casa em paz.”.

Moisés aceitou o conselho do sogro e fez o que ele havia dito. Escolheu em Israel homens capazes e os colocou como chefes do povo: chefes de mil, de cem, de cinquenta e de dez. Eles administravam regularmente a justiça para o povo: os assuntos complicados, eles passavam pra Moisés; e os simples, eles próprios resolviam.”⁶⁵*

Estava estabelecido o primeiro modelo de Estado hebraico. Ao escolher entre as doze tribos de Israel, pessoas a quem delegou poder de “administrar a justiça para o povo”, Moisés estabeleceu uma hierarquia de poderes, uma hierarquia política, que dividia o povo em grupos, em pequenos grupos, inseridos dentro de outros maiores. Cada grupo tinha um chefe responsável e submisso ao poder dos chefes dos grupos maiores, submissos ao poder de Moisés que representava o povo diante de Deus.

Organizando o povo hierarquicamente, Moisés facilitava a divulgação da nova religião e suas leis, além, é claro, da fiscalização. A organização, a hierarquização do poder de um Estado, indiferente ao sistema político que o rege, é o mesmo desde a antiguidade. O poder é subdividido entre os chefes de acordo com o tamanho do grupo a ser chefiado. Quanto maior o grupo, maior o poder: chefes de mil, têm mais poder que chefes de cem, que têm mais poder que chefes de cinquenta e assim sucessivamente. Cada chefe conta com as vantagens impostas pelo “poder de seu cargo” para impor ao seu grupo as normas, leis e direitos, através da educação, ou da violência. No muito O que diferencia a hierarquia de Estado, estabelecida por Moisés, da hierarquia de Estado existente hoje é o nome que se dá a cada grupo de mil, cem, ou cinquenta, que seria como, municípios, estados, e países; os chefes são amigos da corrupção, na sua maioria; e a principal das diferenças, a mais questionável delas, diz que hoje podemos escolher quem serão nossos chefes.

Ora, os chefes escolhidos para chefiar os diversos grupos de uma sociedade são os mesmos responsáveis pela educação, ou seja, por dizer o que deve e o que não deve ser transmitido a todos. É evidente que, a começar pelo chefe maior todos, só vão transmitir informações, leis, normas e direitos que garantam o que eles achem ser o melhor para o povo. Assim, Moisés garantia, através dos seus chefes, o monoteísmo, pois era a única coisa que lhes permitia ensinar ao povo, acreditando ser o melhor para

⁶⁵ Êxodo. cap.18 vers. 13-27. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral*.

* Destaques em negrito meus.

eles, assim como os Estados ocidentais só permitem ensinar neoliberalismo, pois acreditam ser o melhor para o povo.

Qualquer novidade que não estivesse de acordo com o monoteísmo era eliminada, com apedrejamento, morte, exclusão, expulsão, ou lançada ao descrédito, como quem dissesse: este povo é pagão, atrasado, acreditam em vários deuses. Quaisquer ameaças ao modelo imposto pelo Estado são sempre eliminadas, através da violência direta, punindo ou guerreando com o grupo que defende a novidade, ou desmentindo a novidade e seus defensores através da educação, como quem diz; utopistas, atrasados, inocentes, acreditam em igualdade e pluralidade ao mesmo tempo.

É muito coerente o Estado. Ele é o único responsável e autorizado legalmente a educar e punir. Portanto ele determina sua organização, sua legitimação, suas verdades e mentiras, pois é ele quem educa e pune. Não existe coerência maior. É a ferramenta exata para quem pretende dominar um povo. É a ferramenta exata para quem pretende calar um povo. É a ferramenta exata para quem pretende garantir uma unicidade dentro da sociedade. É a ferramenta exata para quem precisa submeter um povo ao seu poder. Era a ferramenta exata nas mãos de Moisés e é nas mãos dos chefes dos Estados ocidentais.

O Estado, através de seus chefes, sempre transmite suas decisões como sendo verdades absolutas, pois as remetem a uma origem superior ao povo: deuses poderosos ou líderes geniais são sempre os responsáveis por determinar as decisões do Estado. Com Moisés não foi diferente. Todas as decisões que tomava vinham de Javé, que, por sua vez, intensificava suas aparições e demonstrações de poder, no período em que o representante maior do Estado hebreu estabelecia a nova ordem.

*“Diga à casa de Jacó e **anuncie aos filhos de Israel** o seguinte: “**Vocês viram**[auto afirmação de Javé] **o que eu fiz aos egípcios** e como carreguei vocês sobre asas de águia e os trouxe para mim. **Portanto**[como quem avisa, ameaça, chantageia] **se me obedecerem e observarem a minha aliança, vocês serão minha propriedade especial entre todos os povos, porque a terra toda pertence a mim.** Vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.” (...)*

Então todo o povo respondeu: “Faremos tudo o que Javé mandou”. E Moisés transmitiu a Javé a resposta do povo.”

*Javé disse a Moisés: “**Vou me aproximar de você numa nuvem espessa, para que o povo possa ouvir o que eu falo com você e acredite sempre em você**”.(...)[Como já disse, Javé tenta legitimar a si, ao seu profeta, e o monoteísmo, demonstrando ao povo o quanto ele é poderoso. Evidencia que Moisés e o projeto monoteísta sofriam de descrédito por parte do povo.]*

*“Volte para o povo e purifique-o hoje e amanhã: que lavem suas roupas, e estejam preparados para depois de amanhã, porque **Javé descenderá depois de amanhã sobre a montanha do Sinai à vista de todo o povo. Você deverá traçar um limite ao redor da montanha, e dizer ao povo que não suba à montanha, nem se aproxime da encosta; quem tocar na montanha deverá ser morto. E nesse tal ninguém deverá tocar: ele será apedrejado ou flechado; tanto homem como animal, não ficará vivo. Só quando a trombeta soar, eles poderão subir à montanha**”.*(...)

*Três dias depois, pela manhã, **houve trovões e relâmpagos e uma nuvem espessa desceu sobre a montanha, enquanto o toque da trombeta soava fortemente. O povo que estava no acampamento começou a tremer. Então Moisés tirou o povo do acampamento para receber Deus. E eles se colocaram ao pé da montanha. Toda a montanha do Sinai fumegava, porque Javé tinha descido sobre ela no fogo; a fumaça subia como fumaça de fornalha. E a montanha toda estremecia. O som da trombeta aumentava cada vez mais, enquanto Moisés falava e Deus lhe respondia com o trovão.***”⁶⁶ *

Esta é a passagem que antecede o estabelecimento dos dez mandamentos, das demais leis do judaísmo e da teocracia hebraica. Espero ter alcançado êxito em relacionar Moisés como o primeiro governador do Estado hebraico, evidenciando a coerência entre as necessidades do povo, as ações de Moisés e de Javé e o caminho trilhado pelos hebreus. É a coerência entre as necessidades do povo e as respostas de Javé, transmitidas pelos profetas, que nos permite reconhecer um processo histórico de formação do povo hebreu.

O primeiro dos dez mandamentos de Javé já não diz tanto à sociedade ocidental. Perdeu o sentido de existir e o próprio Jesus, no século I, percebeu que as leis de Javé precisavam ser revistas, pois não eram mais coerentes com a realidade e a necessidade dos hebreus, quando ele era então um dos líderes deste povo.

⁶⁶ Êxodo. cap.19 vers. 3-19. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

* Comentários entre colchetes e destaques em negrito são meus.

“Não tenha outros deuses diante de mim. Não faça para você ídolos, nenhuma representação daquilo que existe no céu e na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não se prostre diante desses deuses, nem sirva a eles, porque eu, Javé seu Deus, sou um Deus ciumento: quando me odeiam, castigo a culpa dos pais nos filhos, netos e bisnetos; mas quando me amam e guardam os meus mandamentos eu os trato com amor por mil gerações”.^{67*}

Javé estabelece como o primeiro dos seus mandamentos uma lei, que garante o monoteísmo, exigindo fidelidade e punindo a geração de quem não respeitar seus ciúmes.

É uma lei muito coerente para um povo que ainda não se afirmou monoteísta e o pretende. Mas não tem o menor significado hoje, pois a grande maioria é monoteísta. Moisés e Javé foram vitoriosos e transmitiram muito bem a mensagem, a ponto de ela persistir há mais de vinte séculos. Enfim, não pode ser coincidência que a primeira lei de Javé é direcionada a quem pode acreditar em outros deuses, ou seja, diz respeito ao monoteísmo. Exatamente a característica que identifica e une este povo e que vinha sendo ameaçada entre eles e defendida por Moisés, é a primeira a qual se dedica Javé e o faz de forma enfática.

Não poderia haver evidência maior de que o monoteísmo até então sofria constantes ataques da cultura politeísta e de que não foi a pura vontade de Javé que o levou a criar esta e todas as outras leis do judaísmo e sim a necessidade que um povo enfrentava e a relação que este estabelecia com os seus mitos.

Mais uma vez, pode-se perceber que a leitura crítica da bíblia não a desmistifica, pois de forma alguma a importância dos mitos hebraicos foi colocada à prova. Ao contrário, em todos os instantes, o que mais aparece nesta pesquisa é a relação entre o mito e a história de um povo.

Os rituais eram ou são a forma pela qual os fiéis assumem e reafirmam a fé nestes mitos com os quais se relacionam. Vários dos rituais hebraicos foram remodelados e permanecem presentes no cotidiano, entre eles quero citar o

⁶⁷ Êxodo. cap.20 vers. 3-6. In: *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral.*

* Comentários entre colchetes e/ou destaques em negrito são meus.

aparecimento do mais comum dos rituais praticados ainda hoje e que foi praticado por Moisés para selar o contrato ou aliança feita com Javé através de suas leis: a missa.

*“Moisés desceu e contou ao povo tudo o que Javé lhe havia dito e todas as leis. O povo respondeu unânime: “Faremos tudo o que Javé disse.” Moisés colocou por escrito todas as palavras de Javé. Depois levantou-se de manhã, construiu um altar ao pé da montanha e doze estelas para as doze tribos de Israel. Em seguida, mandou alguns jovens de Israel oferecer holocaustos e imolar novilhos a Javé como sacrifício de comunhão. Moisés pegou a metade do sangue e colocou em bacias; a outra metade do sangue, ele a derramou sobre o altar. Pegou o livro da aliança e o leu para o povo. Eles disseram: “Faremos tudo o que Javé mandou e obedeceremos”. Moisés pegou o sangue e o espalhou sobre o povo, dizendo: “Este é o sangue da aliança que Javé faz com vocês através de todas essas cláusulas”. (...) Eles contemplaram a Deus, depois comeram e beberam.”⁶⁸**

Não é possível falar dos hebreus, judeus, cristãos da antiguidade ou de hoje, sem levar em conta que as leis, códigos, normas de conduta, enfim, que a nossa cultura foi estabelecida e influenciada na crença em diversos mitos e que um destes se destaca: um deus único chamado Javé.

Os dez mandamentos e a demais leis estabelecidas por Javé e Moisés fecham um ciclo importante, que eu reconheço e espero ter evidenciado como sendo a fundação do judaísmo e do Estado de Israel. Portanto, é também o fechamento desta monografia e da primeira parte desta pesquisa sobre os mitos hebraicos.

As religiões cristãs, maioria influente na relação que nós estabelecemos com os mitos, assim como tudo que sofre influencia cristã, estão antes de tudo fundamentados na história deste povo da antiguidade. Pois foi através das necessidades deles que se criou a esperança em um salvador por vir, um cristo que ainda não teria vindo e através deles que se criou o mito Jesus Cristo, que se acredita ter vindo à Terra, e toda a ideologia que dele se originou através de apropriações e aberrações que criamos sob a influência da história desse hebreu, judeu, conhecido como Jesus.

⁶⁸ Êxodo. cap.24 vers. 3-11 in *Bíblia Sagrada. Edição Pastoral*.

* Comentários entre colchetes e/ou destaques em negrito, meus.

– CONCLUSÃO –

Mesmo em tempos de um racionalismo massacrante e altamente questionável, pois ancorado numa razão fundamentalista, sabemos do poder da fé, da crença, da auto-afirmação, da auto-sugestão. Na antiguidade, fé e razão eram um sentimento só, uma esfera única de onde se originava o pensamento. Fica difícil para quem separa estas esferas e concebem os pensamentos racionais em separado dos passionais, ou sentimentais, ou metafísicos, imaginar a força que havia em acreditar e viver de acordo com uma determinada crença.

Mas se ainda nos sobra vida em nosso leito racionalista, não podemos negar que os hebreus acreditavam e viviam de acordo com o monoteísmo e que isto os levaram à conseguir a união necessária a um povo para enfrentar qualquer oposição à sua existência. A crença e fé dos judeus são os fatores que os mantiveram e os mantêm coesos, unidos ainda que sob a ameaça de extermínio, feita por um ou outro povo, como os nazistas.

Assim, toda a trajetória deste povo, como explicitado até aqui, está de acordo com a crença em um único deus e com as promessas feitas por este deus, ou seja, de acordo com os códigos de conduta, normas, regras, rituais e todos os mitos que dão corpo ao monoteísmo judaico.

Existem diversas relações entre os mitos e a história de um povo. A bíblia não é a verdade. Mas podemos encontrar algumas verdades sobre a história da humanidade, perdida entre os estilos literários, mensagens religiosas, folclore e fábulas encantadoras, que formam um dos mais belos e importantes livros da humanidade. Basta abrir mão da fé cega e dos dogmas de sua religião científica ou divina, e se deixar influenciar por todo o conhecimento humano, religioso e científico, cultural e político, passional e racional, todas as faculdades e inteligências humanas em comunhão, em busca do auto-conhecimento humano.

Analisando criticamente as passagens bíblicas, evidenciando o que os beatos e beatas, não querem enxergar, o que as instituições não querem mostrar e o que os

racionalistas negam por desconhecer, espero ter alcançado êxito em relacionar os mitos hebraicos com a história propriamente dita deste povo e além disso, indicado a importância e influência desta história e destes mitos em nossa sociedade.

Mais do que isto, espero que este trabalho possa servir para quebrar preconceitos, barreiras, paradigmas, métodos, dogmas de qualquer tipo que um pesquisador precisa enfrentar, como quem enfrenta um paredão de fuzilamento, quando resolve estudar mitos.

De um lado beatos cegos, de outros cientistas cegos, de outro sociedade indiferente, de outras instituições inseguras defensoras da cegueira, enfim, não que tenha sido um trabalho completo, longe disto, mas vitorioso desde o início, pois, indiferente aos resultados que alcance, se concretizou, indiferente aos problemas que o precederam e o acompanharam. Portanto, é uma fonte para quem possa se interessar pela história e contribuições deixadas pelos hebreus à sociedade moderna.

Os mitos hebraicos não são mais evidentes na sociedade, exatamente por que esta ainda não os descobriu. Aliás, os mitos, indiferente de suas origens, não são mais evidentes ou atuantes, porque o racionalismo patrocinado pelo Estado e velado pelas universidades, impede seus pesquisadores e educadores de passá-los adiante e de transmiti-los às gerações futuras.

O Estado contemporâneo não educa seus cidadãos para serem livres e escolherem suas próprias verdades. Ele educa exatamente como o Estado hebreu, exatamente como todos os Estados, educa para manter a ordem estabelecida, para manter o *status quo*. Não divulga informações que não estão de acordo com a ideologia dos chefes de Estado. Portanto, não divulgam nada que não seja racionalista. É por este motivo que os mitos, quando nos são mostrados, são esvaziados de valor histórico.

Quem educa é o Estado. Sendo o Estado racionalista, além de não estudar, não transmite e não incentiva o estudo dos mitos. É somente por este motivo que este trabalho possui críticas ao racionalismo e principalmente ao racionalismo acadêmico, pois legitimam um Estado que ignora nossos mitos.

Não é por supervalorizar a paixão em detrimento da razão, mas para tentar igualar a importância das duas esferas do conhecimento, que teço crítica ao *status*, ao qual dão razão, e tento valorizar a paixão.

Nas diversas vezes que afirmei serem os mitos hebraicos os mais presentes e atuantes na sociedade, é certo de que apesar de não os identificar no cotidiano, devido aos motivos supracitados, o imaginário coletivo ocidental não consegue fugir da influência do principal mito hebraico: o cristo. Portanto, imbuído desta certeza afirmo que se tivéssemos a oportunidade de nos aprofundar aos estudos dos mitos, certamente o ocidente encontraria mais facilmente um caminho possível para a construção de um mundo mais justo.

Mesmo não tendo adentrado nos estudos do mito Cristo, sabemos que o cristianismo, mesmo deturpado, é a ideologia que mais tem adeptos atualmente no Ocidente. Portanto, se nos permitíssemos compreender a mensagem deste mito, sem a intervenção do Estado ou da igreja, poderíamos mudar as nossas relações, nosso modo de viver, nossa maneira de ver e interagir com o mundo natural.

Esta é a intenção fim deste trabalho: permitir, através da análise e compreensão dos mitos hebraicos, rever nossas relações com os mesmos, aprender com eles e conseqüentemente rever nossas relações com nós mesmos.

Tentamos o caminho da paixão; não foi possível. Paramos na necessidade de compreender a natureza concreta e o mundo que nos rodeia. Tentamos através da razão; também não foi possível. Estamos nos exterminando e destruindo o mundo concreto que queríamos antes compreender. Acredito que já passa da hora de unirmos a paixão e razão e promover o equilíbrio entre o desenvolvimento técnico e o desenvolvimento humano.

Enfim, este trabalho, além de superficialmente apresentar introdutoriamente a história de um povo, conclui que a história dos hebreus é, antes de tudo, a história de seus mitos e das relações estabelecidas com eles, que a nossa história é antes a história dos nossos mitos e a relação que estabelecemos com eles, ontem,

quando ainda eram mitos hebraicos, hoje, quando são mitos científicos e amanhã quando deixarem de ser mito ou ciência e passarem a ser considerados conhecimento humano.

– BIBLIOGRAFIA –

- POPPER, Karl K. *Conjecturas e Refutações* 3 ed. Brasília: UnB, 1994.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador-Ensaio de Cristologia. Crítica para o nosso Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o Método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. 6ª impressão. São Paulo: Paulus, 1996.
- CAVALCANTE, Rodrigo e CHEVITARESE, André. “Jesus”. Coleção Para Saber Mais – Super Interessante. São Paulo: Editora Abril. 2003.
- Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI Versão 3.0 – Novembro de 1999.
- SCHMIDT, Mario Furley. *Nova História Crítica – 5ª série* – São Paulo: Nova Geração, 1999.

– BIBLIOGRAFIA DE APOIO –

- VERNANT, Jean-Pierre. *Entre Mito e Política*. trad. Cristina Murachco. Edusp – SP. 2002.
- GINZBURG, Carlos. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. trad. Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LETERRE, A. *Jesus e sua doutrina: a distinção entre cristianismo e catolicismo: um estudo que remonta há mais de 8.600 anos* – São Paulo: Madras, 2004.